

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO  
CÂMPUS SÃO PAULO PIRITUBA  
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM HUMANIDADES: EDUCAÇÃO, POLÍTICA E  
SOCIEDADE

Brune Pereira Pontes

**As relações entre universidade e saberes não hegemônicos no distrito da Brasilândia**

São Paulo

2022

Brune Pereira Pontes

**As relações entre universidade e saberes não hegemônicos no distrito da Brasilândia**

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado ao Instituto Federal de São Paulo, Câmpus São Paulo Pirituba, como requisito para a obtenção do título de Especialista em Humanidades - Educação, Política e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Marcondes de Alcantara

São Paulo

2022

Ficha catalográfica preparada pela Coordenadoria de Biblioteca  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Câmpus São Paulo Pirituba

Pontes, Brune Pereira

P814r As relações entre universidade e saberes não hegemônicos no  
distrito da Brasilândia / Brune Pereira Pontes. – São Paulo, 2022.  
65 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Marcondes de Alcantara  
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em  
Humanidades, Educação, Política e Sociedade) - Instituto Federal de  
Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Campus São Paulo  
Pirituba.

1. Universidade. 2. Educação Popular. 3. Desigualdades  
Sociais. I. Alcantara, Danilo Marcondes de. II. Título.

Brune Pereira Pontes

**As relações entre universidade e saberes não hegemônicos no distrito da Brasilândia**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Especialista” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Pós-graduação Lato Sensu em Humanidades: Educação, Política e Sociedade.

São Paulo, 08 de novembro de 2022.

---

Prof. Dr. Vagner Luís da Silva  
Coordenador do Curso

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Dr. Danilo Marcondes de Alcantara  
Orientador  
Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo Pirituba

---

Profa. Dra. Flávia Roberta Torezin  
Avaliadora  
Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo Pirituba

---

Profa. Dra. Tatiana Aparecida Picosque  
Avaliadora  
Instituto Federal de São Paulo - Campus São Paulo Pirituba

Dedico este trabalho a Luise Cazé (in memorian), grande amiga e fundamental na jornada de entender quem eu sou.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha mãe, Joselma Pontes da Silva, meu pai Manoel Pereira da Silva e minha irmã, Bruna Pereira Pontes, por todo o suporte me dado antes, durante e após a escrita do presente trabalho.

A Katia Roberta e Daniela Alves, responsáveis pelo Projeto Nossa Cantareira, que foi fundamental por me fazer despertar a curiosidade e encanto pela ciência e valorização de projetos de educação popular.

A Profa. Suzi Gaspar, minha professora do Ensino Básico, que me incentivou a entrar para a escola técnica, possibilitando direta e indiretamente o meu acesso ao ensino superior.

A Profa. Dra. Magda Medhat Pechliye e Profa. Dra. Rosana dos Santos Jordão, professoras da licenciatura que me apresentaram às normas e belezas do mundo acadêmico.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Danilo Marcondes de Alcantara, por todos os auxílios e direcionamento prestados.

A todas e todos que participaram das entrevistas aqui analisadas por compartilharem seus tempos e experiências, possibilitando assim a realização da presente pesquisa.

A Rojú Soares, pelo suporte na transcrição das entrevistas.

A Álilien Uýti, Daiane Sousa, Luise Cazé, Marcos Roberto, e demais amigas, amigos e amigues que me auxiliaram a manter uma saúde psicológica mínima possibilitando a escrita deste trabalho.

A Ju e Nico, que sempre estiveram ao meu lado.

*“Não, professor. É [...] [a pessoa] que pensa, é a humanidade que trabalha. Quanto mais estiverem lúcidos de sua vida e de seu destino mais [...] [pessoas] seremos. Mais próximos estaremos de nós mesmos, dos nossos motivos, dos nossos descaminhos. É preciso abrir a faculdade!”*

(Integrantes do Centro Popular de Cultura da UNE).

## RESUMO

O desenvolvimento do pensamento crítico nas populações periféricas é visto como fundamental para a construção de um novo projeto nacional autônomo e igualitário, bem como temos a universidade como importante no processo da construção de novos conhecimentos. O objetivo do presente trabalho é conhecer como os conhecimentos acadêmicos, da cultura de massa e da cultura popular influenciam o trabalho de educadoras e educadores sociais na produção de pensamento crítico no distrito da Brasilândia. Para tal, entrevistas foram realizadas com moradoras e moradores do distrito e proximidades que atuam em projetos de educação popular na região. Os resultados indicam a percepção de desigualdade entre a periferia e o centro como a principal motivação, que faz com que educadoras e educadores busquem modificar seu entorno a partir da empatia, auxiliando que moradoras e moradores do distrito tenham acesso a conhecimentos que dificilmente seriam ofertados pela educação formal. O ensino superior aparece de forma complementar, auxiliando com conceitos e conteúdos acadêmicos, mas sem formar as bases para o desenvolvimento de tais projetos. Dos limites destacados encontramos a dificuldade de acesso a recursos de ordem financeira, intelectual e material como o central. Por fim, apontamos como intervenções possíveis para a mudança de tal cenário a difusão do pensamento crítico na região periférica partindo da construção de novos projetos de educação popular que abracem recortes da população que normalmente não é o público alvo central daqueles projetos já existentes, difusão dos projetos que já estão na ativa e a articulação entre tais projetos com o objetivo de atuarem em prol de reivindicações para o distrito e proximidades.

**Palavras-chave:** Educação popular. Universidade. Brasilândia.



## ABSTRACT

The development of critical thinking in peripheral populations is seen as fundamental to the construction of a new autonomous and egalitarian national project, as well as the university as important in the process of building new knowledge. The purpose of the present work is to know how academic knowledge, mass culture and popular culture influence the work of social educators in the production of critical thinking in the district of Brasília. For this, interviews were conducted with residents of the district and proximity who work in popular education projects in the region. The results indicate the perception of inequality between the periphery and the center as the main motivation, which causes educators to seek to modify their surroundings from empathy, helping that residents of the district have access to knowledge that would hardly be offered by formal education. Higher education appears in a complementary way, assisting with concepts and academic content, but without forming the foundations for the development of such projects. From the highlighted limits we find the difficulty of access to financial, intellectual and material resources such as the central. Finally, we point out as possible interventions for the change of such scenario the diffusion of critical thinking in the peripheral region starting from the construction of new popular education projects that embrace population clippings that are not usually the central target audience of those existing projects, diffusion of Projects that are already active and the articulation between such projects to act for claims for the district and proximity.

**Keywords:** Popular education. University. Brasília.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – População por grau de instrução do distrito da Brasilândia em 2017

36

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAPS IJ Centro de Atenção Psicossocial Infanto Juvenil

ETEC Escola Técnica Estadual

ETESP Escola Técnica Estadual de São Paulo

FIG-UNIMESP Centro Universitário Metropolitano de São Paulo

PIBID Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

PUC Pontifícia Universidade Católica

SEFRAS Serviço Franciscano de Solidariedade

SESC Serviço Social do Comércio

UFABC Universidade Federal do ABC

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
1.1 Objetivos	14
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	15
<b>2 DESENVOLVIMENTO</b>	<b>15</b>
2.1 Fundamentação teórica	15
2.1.1 O que causa o subdesenvolvimento?	15
2.1.2 Como podemos combater o subdesenvolvimento?	20
2.1.3 Qual o papel da universidade na luta contra o subdesenvolvimento?	25
2.1.4 A universidade nos dias de hoje	31
2.1.5 O distrito da Brasilândia	35
2.2 Material e método	37
2.3 Resultados e discussão	38
2.3.1 Sobre as entrevistadas e os entrevistados	38
2.3.2 Sobre os projetos de educação popular desenvolvidos	39
2.3.3 Sobre suas motivações	41
2.3.4 Sobre suas influências	44
2.3.5 Sobre a educação popular e seus frutos, no distrito e nacionalmente	50
2.3.6 Sobre as barreiras encontradas	55
2.3.7 Sobre o futuro da educação popular no distrito	58
<b>3 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>61</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Encontramos no senso comum a ideia de que uma educação de qualidade é a chave para alterarmos positivamente as condições socioeconômicas de nossa sociedade. Na literatura encontramos autores com uma interpretação aproximada, como Darcy Ribeiro (1969), que nos apresenta o debate sobre a importância das universidades em relação ao desenvolvimento interno de um país. De acordo com o autor, tal debate envolve duas políticas básicas: a de modernização reflexa e a de crescimento autônomo. A primeira sugere que aperfeiçoar ou adicionar inovações em nossas universidades será o suficiente para alcançarmos os modelos avançados existentes em outros países, enquanto a outra supõe que a universidade atua como uma subestrutura inserida num meio social global, que ao atuar de forma mecânica perpetua a desigualdade presente nas instituições sociais. Essa, só pode atuar de fato na superação do atraso nacional e transformar a própria sociedade, desenvolvendo suas formas de existência e ação com este objetivo. Fazendo com que sua população atue para si, comande seu destino e desenvolva uma nação de fato autônoma.

O autor destaca duas ideologias derivadas de tais pensamentos, uma consciência ingênua, que acredita que o atraso das universidades brasileiras é natural e necessário, e uma consciência crítica, que se rebela contra o atraso por percebê-lo como antinatural, e por tal razão, modificável. Esses pensamentos estão lutando em nossa sociedade buscando o domínio das universidades para fazer com que sigam seu projeto (RIBEIRO, 1969).

A consciência crítica, apresentada e defendida por Ribeiro (1969), vai de encontro à análise de Milton Santos (2019) sobre a atual globalização, que é por ele descrita como perversa. Segundo o autor, estamos passando por um processo de internacionalização do modelo capitalista, que utiliza da ciência, técnica e informação para garantir sua presença global. Como resultado temos o aumento da pobreza, diminuição do salário médio, generalização da fome e desabrigo e diminuição no acesso à educação de qualidade, submetendo a maior parte da população global às condições de vida precárias (SANTOS, 2019).

Tal qual Ribeiro (1969), Santos (2019) não vê esse cenário como algo perpétuo. Para o autor é possível colocarmos as bases materiais do período atual - “a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta” (SANTOS, 2019 p. 20) – a serviço

de fundamentos sociais e políticos diferentes daqueles que guiam a globalização perversa para construirmos uma globalização mais humana.

As análises dos autores aqui destacadas, como qualquer outro conhecimento humano, estão intimamente ligadas ao período histórico em que foram desenvolvidas, mas ainda conseguimos observar diversos pontos que nos mostram a atualidade em seus pensamentos. Da publicação dos livros que utilizamos como referência aos dias de hoje muita tecnologia foi assimilada do exterior e desenvolvida em território nacional, mas ainda notamos uma grande influência externa na tomada de decisões do investimento de nosso governo em universidades, institutos e escolas. Tais medidas continuam seguindo uma posição favorável ao neocolonialismo criticado e exposto por Darcy Ribeiro (1969) e Milton Santos (2019).

Atualmente vemos um agravante no setor do ensino superior e básico com a expansão do setor privado-mercantil da educação. Como Chaves (2019) nos mostra, nos últimos anos tivemos um aumento no investimento por financiamento público de instituições privadas por projetos como o FIES e Prouni em comparação ao investimento em universidades federais. Do período de 2003 à 2017 tivemos um aumento no investimento da União no setor privado em 1.255,8% enquanto nas universidades federais tivemos um aumento no investimento de 155,6%. Tais políticas priorizam o investimento no setor privado seguindo orientações do Banco Mundial.

Como podemos observar, os governos dos últimos anos seguiram medidas que foram de encontro à consciência ingênua destacada por Ribeiro (1969), e só conseguiremos modificar tal cenário abraçando uma concepção crítica. Para criarmos uma postura crítica precisamos analisar nossa estrutura atual, ver como nossa universidade dialoga com os outros setores sociais, encontrar seus limites, para destacarmos a atual carência e apresentar possibilidades de atuação que auxilie no desenvolvimento de um projeto autônomo.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Conhecer as relações entre saberes hegemônicos e não hegemônicos que guiam as vivências de moradoras e moradores que construíram suas trajetórias de vida no distrito da

Brasilândia, acessaram o ensino superior e participam do desenvolvimento de projetos voltados à educação popular na região.

### **1.1.2 Objetivos Específicos**

- a Analisar potencialidades e limites atuais da relação entre a produção de conhecimentos acadêmicos e produção de conhecimentos populares no distrito da Brasilândia.
- b Conhecer como o ensino superior motiva e influencia no desenvolvimento de projetos de educação popular.
- c Analisar os limites da atuação de indivíduos com ensino superior em projetos sociais relacionados à educação popular no distrito.
- d Identificar possibilidades de atuação para suprir demandas encontradas.

## **2 DESENVOLVIMENTO**

### **2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **2.1.1 O que causa o subdesenvolvimento?**

O atual avanço no desemprego, pobreza e fome em nosso país pode ser interpretado como resultado do avanço da globalização, descrita por Milton Santos como “uma fábrica de perversidades” (SANTOS, 2019, p. 19). Segundo o autor:

A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. (SANTOS, 2019, p. 20).

Em contrapartida, Santos (2019) aponta a possibilidade de construirmos um novo mundo seguindo uma globalização vista como mais humana. Segundo o autor, as bases materiais utilizadas pelo grande capital para construir a atual globalização estão disponíveis para que as utilizemos com objetivos contrários, desde que sejam utilizadas com base em outros fundamentos sociais e políticos.

A globalização é resultado do estado das técnicas e o estado da política que encontramos no planeta nos últimos séculos. Com o avanço da ciência no fim do século XX tivemos a construção de um conjunto de técnicas voltadas para a comunicação que foi utilizado para unir os demais conjuntos de técnicas. Em paralelo tivemos as ações que possibilitaram o desenvolvimento de um mercado global. Unidos, tais fatores resultaram na perversidade em que nos encontramos atualmente. Com um uso político distinto do sistema de técnicas teríamos outro resultado (SANTOS, 2019).

Santos (2019) nos apresenta que novas técnicas desenvolvidas no final do século XX foram utilizadas para implementar a tirania do dinheiro e da informação, que são as bases do sistema ideológico que guia a atual ação humana mundializada. Sistema esse que se utiliza da competitividade, do consumo e da confusão dos espíritos como principais eixos do *status quo*:

A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos. (SANTOS, 2019, p. 46).

Nesse novo mundo desenvolvido com a globalização o espaço geográfico se modifica ganhando uma nova importância, já que a eficiência de cada ação passa a se relacionar de forma direta com sua localização. Pessoas com mais poder adquirem os melhores trechos do território, enquanto o restante divide as sobras (SANTOS, 2019).

Parte considerável da obra de Milton Santos foi feita com o objetivo de analisar a relação entre globalização e espaço geográfico. Para tal, o autor criou e empregou diferentes conceitos que são de grande valia para entendermos como essas relações influenciam na distribuição e produção de conhecimento no distrito da Brasilândia. Com base nessa noção, o presente trabalho utilizará três de suas obras (SANTOS, 2013; SANTOS, 2019; SANTOS, 2020) como um de seus principais pilares.

Dos conceitos presentes na obra de Santos (2013) vamos dar destaque ao espaço, tempo e as relações humanas que ocorrem por meio de técnicas durante o atual processo de globalização. No que diz respeito ao espaço, a globalização não se dá pelo espaço de forma genérica, quem se globaliza são as pessoas e os lugares. Já sobre o tempo, temos a divisão entre as temporalidades hegemônicas, que seriam veículos das ações dos agentes hegemônicos da economia, política e cultura, e as temporalidades não-hegemônicas, representadas pelos demais agentes sociais.

Dessa relação tivemos modificações que possibilitaram o desenvolvimento do chamado “meio técnico-científico”, ou “meio técnico-científico-informacional”, que são



meios geográficos onde encontramos ciência, tecnologia e – no segundo caso – informação. De suas características gerais podemos distinguir duas: as chamadas “tecnoesfera” e “psicoesfera”. A primeira surge com o aumento da artificialização da esfera natural, que passa a ser substituída na cidade e no campo pela esfera técnica. Já a segunda se desenvolve como a junção de crenças, vontades, desejos e hábitos que guiam comportamentos e relações interpessoais. Ambos são produtos humanos subordinados por aquelas pessoas que impõem suas mudanças (SANTOS, 2013).

No meio técnico-científico-informacional encontramos a instalação das atividades hegemônicas que são guiadas pelo comércio internacional, tornando determinados lugares como mundiais. Nessa relação encontramos o embate entre tempos hegemônicos – sendo o tempo da ação de atores hegemônicos, como grandes organizações e os Estados – e os tempos não-hegemônicos – aqueles que surgem com a ação de atores não-hegemônicos, como seu nome sugere (SANTOS, 2013).

Assim o meio geográfico se constrói com base em uma substância científica-tecnológica-informacional. Ciência, tecnologia e informação se unem e formam a base para se utilizar o espaço. A paisagem se científiciza e tecnificiza com base na informação, que forma as coisas e é fundamental para que a ação sobre essas coisas seja possível. De tal forma os atores hegemônicos requalificam os espaços de acordo com seus desígnios e os incorporam à globalização (SANTOS, 2013).

Mesmo com a rápida e extensa difusão das variáveis citadas não encontramos uma distribuição uniforme ao redor do globo. Ciência, tecnologia e informação se distribuem desigualmente nos distintos subespaços, formando áreas densas de tais fatores (chamadas por Santos (2013) de áreas “luminosas”), áreas vazias (ou “opacas”) e diversas áreas intermediárias (SANTOS, 2013).

Com esses conceitos conseguimos tirar um entendimento considerável sobre como as forças hegemônicas “racionalis” se impõem sobre as diferentes partes do globo, o que será de grande valor para analisarmos o distrito da Brasilândia. Santos (2013) nos apresenta a possibilidade de entender as regionalizações partindo da noção de racionalidade. Com os avanços técnicos e a globalização, os espaços nacionais passam a se dividir entre espaços nacionais da racionalidade e outros espaços. O meio técnico-científico, por ter sido construído de forma intencional, possibilitou a instalação das condições envolvendo o maior lucro

possível para a pequena parcela com poder, enquanto possibilita a maior alienação possível para a grande parcela restante.

Nos espaços “racionais” encontramos o Estado com uma configuração que se torna impotente pelo poder do mercado. Os fluxos hegemônicos se sobrepõem sobre os demais fluxos e os subordinam, enfraquecendo o Estado e deixando o espaço aberto para o mercado (SANTOS, 2013).

Além da distribuição desigual de ciência, tecnologia e informação, também encontramos a distribuição desigual de pessoas pelo espaço, sendo tal realidade fruto da atividade econômica e herança social. Como resultado encontramos a maioria das pessoas sem acesso a inúmeros bens e serviços, que são distribuídos de acordo com a hierarquia urbana, resultante de seus lugares socioeconômicos e geográficos (SANTOS, 2020).

Para Santos (2020) essa massa de milhões de pobres que encontramos em nosso país teve sua pobreza criada por um modelo econômico apresentado como seu salvador. A racionalidade de poderosas firmas, nacionais ou estrangeiras, somada ao uso da força e poder do Estado foram responsáveis por criar as condições gerais para o desenvolvimento de uma forma de capitalismo “superior”. Como resultado encontramos o desrespeito às noções de direitos políticos e individuais, mantendo o atual cenário desigual.

Tal noção de direitos políticos e individuais está intimamente ligada ao modelo cívico, descrito por Santos (2020) como formado por cultura e território. A primeira sendo a responsável por definir uma visão comum de sociedade e mundo, do indivíduo e das regras de convivência. O segundo, por sua vez, apresenta uma noção de instrumentação do território que possibilita a todas as pessoas os bens e serviços indispensáveis, independente de sua localização no território, assegurando uma adequada gestão do espaço para tal.

Uma das formas que encontramos para respeitar cada pessoa se encontra com a legitimação da cidadania, que impõe uma série de princípios gerais e abstratos como um conjunto de direitos individuais. Para que a cidadania seja válida necessitamos de certas condições concretas, como a organização do Estado, o formato da sociedade e a capacidade de disputa da sociedade civil com base em sua consciência. Isso faz com que não encontremos condições fixas e imutáveis para população, estando sempre sujeita a avanços e retrocessos guiados pela busca de cada pessoa pela sua liberdade, que pode ser maior ou menor de acordo com seu entendimento sobre o mundo. Assim, cada sociedade apresenta um maior ou menor grau dessa conquista de acordo com sua própria condição histórica (SANTOS, 2020).

A palavra "cidadão" foi imposta na Europa com o fim do feudalismo e início do capitalismo. Aqui temos o término dos vínculos de servidão entre donos de terras e trabalhadores, e o surgimento do trabalhador livre. Processo que se deu de forma gradual e serviu de base para novas conquistas cidadãs, chegando às ideias de sociedade civil modernas, sendo essas um "corpo social que só existe porque há [...] [pessoas ciosas] dos seus direitos; e existe a despeito do Estado" (SANTOS, 2020, p 22).

Tanto em países capitalistas como em países "socialistas reais" encontramos condições que permitiram que a luta histórica em busca da conquista de direitos à cidadania atingisse parte considerável da sociedade civil. Após a criação de tais estados das coisas e do espírito, tivemos grandes mudanças sociais que os comprometeram, dos quais podemos destacar a implantação do capitalismo corporativo e o consumo tido como um fim em si mesmo. Quadro esse comum a todos os países capitalistas, com destaque maior nos subdesenvolvidos (SANTOS, 2020).

A situação brasileira deve ser estudada com base nesse entendimento, em especial no fato de que por aqui tivemos a implantação de tais fatores de uma única vez, enquanto nos países da centralidade do sistema isso se deu de forma gradual. Com isso, a formação da noção de cidadania foi prejudicada. Aqui, no lugar de formar cidadãs e cidadãos, formaram consumidoras e consumidores, que se relacionam com o mundo de forma parcial (SANTOS, 2020).

Quando deixamos o espaço regido quase exclusivamente pelo mercado, encontramos nele desigualdades e injustiças, formando áreas desprovidas de serviços básicos à vida individual e coletiva, como nas periferias, que apesar da grande densidade demográfica, sofrem com ausência de tais serviços. Com isso temos um espaço que não é só empobrecido, como também empobrece, tanto material, política, social, cultural e moralmente (SANTOS, 2020).

Tanto o mercado quanto o espaço são forças que modelam a sociedade. O mercado é incapaz de atingir o fim intrínseco das coisas, característica essa que é replicada quando este se torna responsável por gerir o espaço, resultando em um espaço que não identifica os fins intrínsecos das pessoas. Assim vemos o surgimento da relação entre alienação e espaço (SANTOS, 2020).

Quando pessoas se encontram em um espaço que lhes é estranho por não conhecer sua história, sua memória e por não terem ajudado em sua criação, o lugar se torna fonte de

uma forte alienação. Apesar disso, as pessoas possuem sensibilidade, que permite o aprendizado com esse novo entorno, construindo novos conhecimentos. De tal forma, o entorno vivido é visto como o lugar de processo intelectual (SANTOS, 2020).

Podemos entender melhor a relação entre espaço e formação da cidadania ao analisarmos as relações existentes entre cultura e territorialidade, que são vistas por Santos (2020) como sinônimos de certo modo. A cultura pode ser entendida como uma herança e um reaprendizado. Uma herança por ser a forma de comunicação histórica da nossa espécie com seu ambiente e um reaprendizado das relações entre pessoa e seu meio durante sua vivência (SANTOS, 2020).

O território, além de um dado físico no qual nos encontramos, também é visto por Santos (2020) como um dado simbólico. Dentro desse mundo simbólico encontramos a linguagem regional, que nos possibilita falar e compreender a territorialidade, sendo resultado da combinação que mantemos com o lugar em que vivemos. A coesão regional pode ser obtida de duas formas: pela solidariedade orgânica e pela solidariedade funcional regulada. No primeiro caso encontramos na área a prática de parte fundamental da divisão do trabalho, enquanto no segundo caso existe a necessidade da interferência de dados institucionais externos que são sobrepostos aos dados produtivos, impossibilitando a existência da solidariedade orgânica enquanto gera a alienação regional. De tal forma, muito do que é feito em determinadas regiões acaba sendo realizado por demandas que partem de sedes distantes (SANTOS, 2020).

Essa organização reflete diretamente na forma como a informação atinge cada pessoa de acordo com sua localização social e geográfica, desfavorecendo em especial aquelas que vivem na periferia. A informação criada acaba concentrada geográfica e economicamente. As pessoas responsáveis pela informação possuem exclusividade dos meios de difusão e entregam as informações de cima para baixo para o restante da população, enquanto o inverso não é possível (SANTOS, 2020).

### **2.1.2 Como podemos combater o subdesenvolvimento?**

Apesar de normalmente vermos a velocidade sendo empregada como ferramenta principal dos motores hegemônicos, também podemos encontrar nela a possibilidade da criação de uma nova globalização. Santos (2019) apresenta a velocidade como incapaz de

possibilitar uma distribuição generalizada, o que acaba por aumentar as desigualdades, criando mais pobres. E é dentro das populações excluídas que encontramos a possibilidade da tomada de consciência.

Nesse ponto, boa parte da humanidade é incapaz de obedecer o conjunto de leis, regras, normas, etc impostos pela racionalidade hegemônica. Incapacidade essa gerada pelo caldo de cultura que circunda essas pessoas desde seus nascimentos. E é aqui, nesses espaços que não estão conformes ao pensamento dominante, que encontramos o espaço necessário para que essas pessoas consigam passar para outro estágio da produção de consciência. Assim essas pessoas conseguem redescobrir a verdadeira razão (SANTOS, 2019).

De tal forma, nessas esferas à parte da racionalidade hegemônica, encontramos o surgimento de racionalidades fundadas em bases distintas - também podendo ser chamadas de “irracionalidades” ou “contra-racionalidades” -, que são mantidas e formadas pela própria população pobre. A partir delas que conseguem criar uma alternativa ao pensamento hegemônico. Utilizando essas outras formas de pensar para guiar as técnicas, tornamos possível a crença em outro mundo e em outra globalização (SANTOS, 2019).

Voltando para a análise da realidade, existem outros conceitos apresentados por Santos (2019) que são úteis para a análise do presente trabalho, como a interação existente entre a cultura de massas e a cultura popular. De forma geral encontraríamos uma **cultura de massas**, proveniente da racionalidade hegemônica, tendo como objetivo a sua imposição sobre e homogeneizar a **cultura popular**. Essa, por sua vez, é proveniente das contra-racionalidades que resistem à tais investidas, ao mesmo tempo que possibilita uma revanche, em especial com a sua difusão utilizando os instrumentos empregados pela cultura de massas.

Tal revanche possui certos entraves, como o fato da população periférica não possuir recursos para participarem de forma plena da cultura de massas moderna. Em contrapartida, essa cultura possui força o suficiente para deformar o impacto da cultura de massas na região que é produzida, já que ela é baseada no território, no cotidiano e no trabalho (SANTOS, 2019).

Na cultura popular, segundo Santos (2019), encontramos a valorização da experiência de escassez, da convivência e da solidariedade. Assim temos sua geração local, se impondo como uma fonte de nutrição para a política da população pobre, sendo independente e acima de partidos e organizações. Dessa forma encontramos produtos culturais vivos, que

refletem o movimento da sociedade, enquanto a cultura de massas se mantém na imposição de cima para baixo, estando desconexa da realidade social.

Outra característica relevante presente na vivência periférica está na diferença entre o tempo desses grupos de pessoas para o tempo dos grupos que guiam e controlam o pensamento hegemônico. O tempo das populações hegemônicas é tido por Santos (2013) como “lento”, apresentando-o como uma força. Segundo o autor, as pessoas com mobilidade veem pouco da cidade e do mundo, e apresentam sua relação com o seu redor partindo de imagens já pré-fabricadas. As pessoas “lentas”, por sua vez, não estão presas a esse imaginário, o que possibilita a descoberta de tais fabulações.

O surgimento de uma nova globalização, de acordo com o autor, seria possível com a mudança radical das condições em que nos encontramos, passando o foco das ações para a prática da vida e a existência de todas as pessoas. Essas mudanças não surgirão na centralidade do sistema, mas sim, nos países subdesenvolvidos (SANTOS, 2019).

Mesmo com as dificuldades impostas pelo pensamento hegemônico, cada país hegemônico terá a oportunidade de criar modelos alternativos próprios e se associarem de forma horizontal, possibilitando assim a construção de uma globalização de baixo para cima guiada por preocupações sociais, culturais e morais (SANTOS, 2019).

Milton Santos (2019) apresenta a divisão do Brasil em duas nações: uma passiva e outra ativa. A “ativa” seria formada por aquelas pessoas que aceitam e seguem os mandos hegemônicos. A “passiva”, por sua vez, seria formada pela maior parte da população, ligadas diretamente ao meio geográfico de forma orgânica, formando cultura própria que pode formar uma base resistente na produção de política.

Os intelectuais deverão focar suas energias trabalhando ao lado da “nação passiva” no processo de construção de um novo projeto nacional que leve em conta os pontos apresentados por todos os grupos que formam a sociedade em geral, desde sua parcela organizada até sua parcela desorganizada. É nesse processo de construção coletiva que seria possível uma nova interpretação da nossa realidade, o que permitirá a construção de uma nova política guiada pelo interesse social. Essa superação sobre o pensamento hegemônico seria possível utilizando as técnicas que foram desenvolvidas no fim do século XX – como a informática e eletrônica -, permitindo que as pessoas modifiquem suas técnicas, às ligando diretamente ao seu meio social e geográfico, possibilitando o desenvolvimento de ideologias e crenças políticas ancoradas na solidariedade (SANTOS, 2019).

Nesse processo teríamos a tomada de consciência por parte da população como um de seus principais objetivos. Aqui, espera-se que a população obtenha – mesmo que de formas e processos distintos -, uma visão sistêmica, que possibilite o entendimento das situações e causas que atuam de forma interdependentes. Como produto de tal processo teríamos uma visão crítica sobre a nossa história, o que possibilita a passagem da noção de que cada pessoa é uma consumidora, para a ideia de que somos cidadãs e pessoas integrais. Noção essa que pode se tornar a base de um novo modelo econômico, político e social, construído de baixo para cima (SANTOS, 2019).

Com relação às organizações e movimentos estruturados, Santos (2019) destaca uma separação entre essas e o próprio cotidiano como algo evidente. Apesar de ver a organização como um importante instrumento responsável por agregar e multiplicar forças afins, ela não chega a se confundir com o tecido flexível de relações que forma o cotidiano. Assim, os movimentos organizados devem evitar a sua cristalização, imitando a flexibilidade do cotidiano das pessoas.

Para alterar a realidade precisamos antes de tudo conhecê-la. Saber como ela funciona e em quais pontos podemos intervir para obter os objetivos que desejamos. O presente trabalho parte da premissa de que é possível modificar a realidade social com base na educação, como veremos a seguir dentre as demais referências aqui empregadas.

Dentre os projetos desenvolvidos em sociedade que podem auxiliar em tais mudanças destacadas por Santos, acreditamos encontrar na educação não formal, em especial na educação popular, uma relação dinâmica com as bases da sociedade que pode se tornar um pilar relevante na construção de uma nova política. Maria Gohn (2010), apresenta a educação popular como uma modalidade de educação que é muito associada por pesquisadoras e pesquisadores diretamente com a educação não formal, mas destaca que ambas possuem distinções relevantes. A autora define a educação não formal como “um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania” (GOHN, 2010, p. 93) que busca formar o ser humano de forma integral trabalhando com coletivos enquanto foca nos processos de construção de saberes e aprendizagem coletivos, sendo complementar ao trabalho realizado pelos processos de educação formal, tal qual nas escolas e outras instituições.

Gohn (2010) também destaca que o campo da educação não formal é carente de pesquisa científica, apresentando na maioria dos casos realizados o levantamento de dados

para serem utilizados em relatórios e projetos por ONGs para acessar fundos públicos. No presente trabalho buscamos auxiliar nesse processo de construção sobre saberes construídos nesse campo, com um foco maior no distrito da Brasilândia.

Já a educação popular compartilha de pontos em comum, como sua intencionalidade na busca da formação de pessoas como cidadãs, mas possui como distinção um recorte de faixa social, buscando destacar uma diferenciação da educação não formal realizada pelo povo e aquela realizada pelas elites (GOHN, 2010). No presente trabalho escolhemos utilizar o conceito de educação popular por entendermos a cultura popular como ponto principal no processo de construção de um novo projeto nacional que parta de premissas horizontais e humanitárias, tal qual vemos como destaque na obra de Milton Santos.

Dentre as diferentes participantes no processo de educação não formal, Gohn (2010) apresenta o “Educador Social” como um agente relevante. Por meio da comunicação, essas pessoas produzem saberes partindo das culturas locais e ajudam a construir espaços de cidadania no território em que atuam, desenvolvendo uma alternativa aos meios tradicionais de informação, como a televisão e o rádio; em apoio aos processos de educação formal e informal. Por tal processo, educadoras e educadores sociais podem construir ou reconstruir, junto da comunidade, o tecido social vigente.

Maria Gohn (2010) também nos apresenta uma relevante descrição sobre o processo de emancipação social, o qual vemos de forma complementar à interpretação apresentada por Milton Santos (2019, 2013). Para a autora, a emancipação social só é possível partindo da formação de consensos sobre uma concepção de mundo alternativa à concepção hegemônica, se contrapondo à essa e sendo construída partindo de novos sentidos às relações sociais visando não se reproduzirem como relações de poder ou dominação entre as pessoas.

O papel formador da educação (seja formal, não formal ou informal) é o campo principal para o desenvolvimento de valores, tal qual a autonomia. Com essa temos a base para a participação de cada pessoa de forma política no processo de globalização, processando e selecionando informações, dominando conhecimentos, tomar decisões e se posicionar sobre incertezas e conflitos globais (GOHN, 2010).

Gohn (2010) destaca que as possibilidades emancipatórias de organização, instituições ou movimentos, como a escola, não são inatas e só surgem pela organização que parta de objetivos que levem em conta o respeito às culturas locais e criem laços de



pertencimento. Tais forças sociais são construídas por meio de processos que levam o nome de educação não formal.

Com relação à nova organização social que deve surgir nesse processo, Santos (2020) nos aponta que apesar da mudança do modelo político ou econômico atual ser relevante, não bastará se mantermos o mesmo modelo cívico. É necessário que construamos um novo modelo cívico que não seja subordinado ao modelo econômico. Um modelo cívico que sirva de base para a solidariedade social, que deve, por sua vez, tomar o modelo econômico e os demais como subordinados.

Como Santos (2020) também nos mostra, é impossível conceber uma cidadania palpável que ignore os componentes territoriais. Para que todas as pessoas tenham acesso aos mesmos bens e serviços, possibilitando uma vida minimamente digna, devemos repensar o arranjo territorial de tais bens e serviços de acordo com a densidade econômica e demográfica de cada área, bem como sua fluidez.

Ao trocarmos a organização espacial mercantil por uma repartição que se baseia apenas no interesse público, teríamos um maior bem-estar para um grande número de pessoas, bem como alavancaria novas atividades. O ponto central dessa sugestão de Santos (2020) seria a implementação de um planejamento estratégico que tome as realidades locais como pontos de partida.

Em um país de dimensões continentais com numerosas diversidades regionais, nem Estado federal, nem Estados federativos conseguem atender as demandas regionais de forma única. Nos dias atuais cada sub-região apresenta uma gritante quantidade de variáveis que se combinam, escapando do controle e entendimento dos estados da Federação. De tal forma, as populações locais necessitam do direito à palavra, atuando como integrantes ativas da realidade regional que lhes diz respeito, mesmo que atualmente não possuam poderes para serem ouvidas (SANTOS, 2020).

Santos (2020) levantou como uma grande tarefa ao fim do século XX uma crítica ao consumismo em paralelo com o reaprendizado da cidadania. Nesse processo devemos utilizar a educação com a finalidade de formar pessoas capazes de entenderem seu lugar no mundo e atuarem em busca da melhoria da sociedade humana. Uma educação contrária ao projeto que apresenta a educação como uma mercadoria que amplia e reproduz as desigualdades, sendo consumista e apenas profissional, deseducando para a vida.

Mesmo vivendo em uma sociedade informacional temos uma grave desigualdade de informação, como discutido anteriormente. O aparelho do Estado e grupos econômicos hegemônicos possuem o privilégio da informação, mantendo o restante da sociedade sem tal direito. Para resolver essa questão necessitamos recorrer à educação, que deveria dispor para todas as pessoas os meios necessários para que possam construir e criticar a informação. Cada pessoa, vista como cidadã, e não como consumidora, seria capaz de observar sua cidade de forma sistêmica, auxiliando na construção de um plano de melhoria que leve em conta as características globais (SANTOS, 2020).

Santos (2020) aponta a necessidade da construção de uma pedagogia do urbano que construa e difunda, de forma simples, as diversas situações e relações na cidade que acabam por transformar as pessoas em meros instrumentos de trabalho, roubando sua humanidade. Mesmo sendo um trabalho árduo, todos os dados já estariam disponíveis, sobrando para nós a tentativa de reverter tal situação.

Como apresentado anteriormente, as informações se relacionam diretamente com o território, onde encontramos não só os pontos que são “iluminados” pela racionalidade dominante, como também encontramos pontos que possibilitam o surgimento de outras maneiras de existir. De tal forma, quando analisamos o espaço geográfico não encontramos apenas pontos imutáveis, mas também encontramos formas de intervir nele de forma consciente (SANTOS, 2019). Com base nisso, optamos por investigar no presente trabalho a forma como a informação se apresenta na geografia do distrito da Brasilândia por meio da Educação Popular.

### **2.1.3 Qual o papel da universidade na luta contra o subdesenvolvimento?**

Diferentes setores da sociedade podem auxiliar no processo da tomada de consciência por parte da população. Na literatura encontramos diferentes discussões e argumentos sobre a importância da Universidade nessa empreitada, como em Ribeiro (1969) e Fernandes (2020). Ambas as obras aqui utilizadas são descritas por Fernandes (2020) como um bom ponto de partida para reflexões críticas para o estudo sobre o ensino superior.

Ribeiro (1969) aponta como tarefa histórica dos países latino-americanos o rompimento da barreira do atraso e sua integração na nova civilização. De acordo com o autor, podemos visar tal objetivo nos guiando por duas políticas distintas. A primeira é

chamada de modernização reflexa, a qual supõe que ao acrescentarmos aperfeiçoamentos e inovações em nossas universidades, seria o suficiente para transformá-las em tão eficientes quanto as universidades da centralidade do sistema capitalista. De acordo com o autor, essa opção acaba por apenas reformar a universidade, tornando-a mais eficaz em manter a sociedade à submissão da espoliação neocolonial, nos mantendo na subalternidade.

A segunda política, por sua vez, é chamada de aceleração evolutiva ou de crescimento autônomo. Aqui partimos do pressuposto de que a universidade, por ser uma subestrutura que faz parte de uma estrutura social global, acaba por funcionar como uma agência que perpetua as instituições sociais se funcionar de forma espontânea. De tal forma, só podemos superar o atraso nacional se buscarmos tal objetivo de forma intencional. Aqui temos a pretensão de transformar a universidade, dando à ela o objetivo de nos tirar do papel de proletariado externo e nos incorporar como sociedades autônomas à nova civilização, dentro de prazos pré-estabelecidos (RIBEIRO, 1969).

Para o autor, a universidade necessita se debruçar com maior profundidade possível, pois a cultura que guia a universidade é semelhante ao mundo que a cerca ao mesmo tempo que é capaz de imprimir mudanças nessa cultura exógena, possibilitando o desenvolvimento de projetos de transformação racional da sociedade em que a universidade está inserida (RIBEIRO, 1969).

Apesar de reconhecer a dificuldade no processo de viabilizar tais mudanças em nossa universidade, Ribeiro (1969) destaca alguns pontos que viabilizam esse processo, como: o seu caráter de instituição pública; sua relativa autonomia interna; a existência de grupos sociais conflitantes em nossa sociedade, os quais muitos são passíveis de apoiarem as transformações que possibilitam melhor atender suas demandas; e a capacidade de automobilização, seja para questionar o poder e a ordem social vigentes, seja para propor utopias concretas, guiando como a nossa existência pode vir a ser na próxima civilização.

Outro ponto de destaque nesse processo seria a rebeldia estudantil, que tende a se aprofundar e generalizar cada vez mais quando baseada nas motivações de transfigurar a universidade e sociedade com o objetivo de assegurar educação e trabalho que não seja convertido em lucro para o benefício de uma minoria. Entretanto, o papel fundamental se mantém com as grandes majorias despossuídas, as únicas capazes de mudar o curso da história. Dessa forma seria necessário, para a mudança da sociedade, a união das contestações estudantis com as aspirações do restante da população. E essa, só seria possível através da

universidade, partindo por dois caminhos simultâneos: um que leve para a renovação da universidade e outro para buscar a aceleração evolutiva, ativando a universidade para lutar contra a modernização reflexa (RIBEIRO, 1969).

Apesar de admitir a dificuldade em transformar a universidade em um instrumento de mudança intencional de nossa sociedade, já que as classes dominantes se mobilizam para impedir esse processo, Ribeiro (1969) aponta que as estruturas de poder não possuem uma homogeneidade e coerência tão grande ao ponto de impor suas vontades sobre a universidade, ao menos que a própria universidade seja cúmplice. Se seguirmos o caminho da renovação, os conflitos que surgem a partir do embate das forças que desejam tal mudança daquelas que não, transformarão a universidade na última instituição oficial em que o povo pode propor um projeto próprio de desenvolvimento autônomo, já que as demais instituições já foram atingidas pela modernização reflexa.

Para que a universidade se torne um dos motores do desenvolvimento são necessárias mudanças em suas estruturas. Tais mudanças podem nos guiar para um novo projeto autônomo e realmente democrático, como produzir uma nova elite que substituirá a antiga. Pensando em evitar este segundo cenário, Ribeiro (1969) aponta a necessidade de reformas estruturais em nossas universidades que levem em conta mudanças na mentalidade da população universitária, como: o desenvolvimento e difusão, entre docentes e discentes, de uma atitude solidária com relação a maioria da população; a liberação de docentes e discentes dos muros da universidade, incentivando a sua convivência com a população em seu local de trabalho e existência, se guiando pelo companheirismo e solidariedade para ajudá-la na melhoria das condições de vida e de trabalho; e aumentar a possibilidade de transformação da universidade, partindo de programas de ação ao lado dos poderes públicos. Nessa união de universidade com os setores populares, o autor também destaca o cuidado para que surjam formas de convivência e coeducação, em que ambos os grupos aprendam e ensinem simultaneamente.

Um dos problemas existentes nas sociedades estratificadas em classes se dá na separação de saberes em duas esferas, uma lida como vulgar e outra lida como erudita. A primeira sendo transmitida oralmente e responsável pela cosmovisão das pessoas comuns e a segunda sendo monopolizada por uma minoria de especialistas. Tal processo resultou no controle de um grande volume de informações crucialmente importantes por parte das camadas dominantes em proveito próprio. A eliminação de tal monopólio é crucial para que

possamos nos libertar socialmente, possibilitando a libertação do fluxo de saberes modernos e seu uso de forma criativa para que transformemos a sociedade de forma radical (RIBEIRO, 1969). De acordo com Ribeiro (1969), tal problemática só terá solução com o surgimento de uma nova cultura de participação conjunta que consiga dar real significação ao saber erudito desenvolvido na universidade.

Caberia às escolas e aos meios de comunicação social a missão de criar esse novo mundo, transmitindo em seu discurso coparticipado e convincente sobre natureza, sociedade e cultura. Para o autor, essa missão está sendo desempenhada de forma precária em nosso país, resultando na conservação de concepções deformadas e alienadas por parte do povo. E partindo dessa incapacidade da rede escolar e dos meios de comunicação, Ribeiro (1969) chega na conclusão de que a universidade é a única instituição com capacidade de cumprir tal propósito, formando linguagens e mensagens reprodutivas a partir de textos, programas televisivos e cursos, que possibilitem o desenvolvimento da interpretação crítica da realidade.

Para cumprir tal objetivo a universidade necessita passar por modificações em sua estrutura e no conteúdo trabalhado, eliminando os componentes que apoiem a antiga ordem. Tais modificações devem se engajar no preparo de especialistas que atuem para a renovação social e para a criação de uma sociedade solidária. O que só será possível com a contrapolitização da universidade, para que ela sirva aos interesses da maioria. Tais modificações devem ser feitas mantendo a própria população como juíza, tendo em vista suas necessidades e carências (RIBEIRO, 1969).

Fernandes (2020), por sua vez, apresenta críticas à análise de Ribeiro. Segundo o autor, o livro de Ribeiro traz uma mensagem positiva: faremos da universidade nossa base de ação pedagógica revolucionária e libertadora. Mudando o ritmo da história e o processo de transformação da civilização. Fernandes (2020), por sua vez, discorda. Além de afirmar que gostaria de encontrar no trabalho uma descrição menos compacta de estruturas e funções das instituições e da relação da universidade com a sociedade, destaca que não vê como situar de forma conveniente as funções criadoras da universidade sem ter estabelecido previamente o quadro de referência global.

Seria possível combater o subdesenvolvimento de duas formas: seguindo as reformas graduais nas universidades em busca, ou da defesa do capitalismo, ou instauração do socialismo. Para Fernandes (2020), não existe compatibilidade entre a democracia burguesa com a pedagogia revolucionária. A pedagogia dita “democrática” e “liberal” converteu a

universidade num bastião contrarrevolucionário. Partindo disso, o autor conclui que a teoria da “universidade necessária” precisa de reparos inevitáveis.

Tanto o movimento reformista quanto o processo revolucionário podem chegar às instituições antes de se tornarem irreversíveis na sociedade. Neste momento, as instituições experimentam certas mudanças antecipadamente, podendo irradiá-las para fora de seus muros. Apesar disso, segundo o autor, o campo de forças que formam a universidade é o mesmo que forma a sociedade, sendo contrarrevolucionário. A sociedade, partindo de sua organização atual, não aceita nem as tentativas de reformas radicais, nem as tentativas de revolução dentro da ordem, já que essas escapam da noção de desenvolvimento com segurança, que guia as mudanças realizadas pelo poder conservador. De tal forma, a universidade não pode ser nem força reformista, nem força revolucionária (FERNANDES, 2020).

Fernandes (2020) conclui que talvez ainda por muito tempo, tanto a reforma radical, como revolução dentro da ordem ou contra a ordem, brotarão fora das universidades, dando um foco maior na massa da população excluída e marginalizada, excluída da universidade. A universidade está tão intrincada com privilégios econômicos, culturais, sociais e políticos, que, segundo o autor, o necessário seria acabar com ela e reconstruí-la, deixando “de ser uma ‘privação necessária’, para ser comum e de todos” (FERNANDES, 2020, p. 389),

Atualizando a crítica de Fernandes contra o pensamento reformista ligado à universidade para os dias atuais, Leher (2020) aponta a destituição ilegal de Dilma Rousseff e a eleição de Jair Bolsonaro para a presidência e sua agenda como evidências de que não existem frações burguesas dominantes locais que possam aceitar, em seu projeto, uma universidade preocupada com os problemas dos povos, já que dentro de crises, o capitalismo dependente sempre tende à autocracia. Aqui vemos como a crítica de Fernandes segue atual.

Apesar dessa crítica, Fernandes (2020) aponta que a reforma universitária possui grande importância sociológica, já que ela, como movimento social, reúne a frente da inteligência jovem e a prepara para uma nova forma de vida política. A partir dos debates que são realizados temos não só a organização do horizonte intelectual a médio prazo, mas os jovens também iniciam reformas institucionais por suas próprias mãos.

Apesar de sua importância, a reforma universitária não libertará nosso povo da servidão do subdesenvolvimento, mas pode nos ensinar os caminhos políticos e intelectuais que permitirão a conquista da liberdade política e intelectual. E tal condição é basal para exterminar as formas de servidão, sejam externas ou internas (FERNANDES, 2020).

Fernandes (2020) aponta que podemos seguir dois caminhos: a obediência da tradição cultural, mantendo os termos ultrapassados da escola superior e universidade, ou a criação de uma nova universidade. De acordo com o autor, não ganharemos nada de bom ao dar continuidade às estruturas, valores e técnicas pedagógicas criados pela escola superior e pela universidade gerada desse processo. Em contrapartida, podemos reconstruir a universidade, a transformando em uma nova realidade histórica, dando início a uma nova fase nacional, consolidando a democracia.

A reforma universitária é um movimento cultural, político e educacional para criar a universidade multifuncional e integrada de nossa época. Esse novo formato de organização apresenta novas tarefas para a população universitária, como a adaptação da estrutura, funcionamento e crescimento da universidade em busca da superação da dependência cultural ao produzir um novo padrão intelectual autônomo de desenvolvimento educacional. Só após o surgimento desse tipo de universidade teremos sua atuação na alteração da estrutura e ritmos históricos da nossa sociedade (FERNANDES, 2020).

De tal forma, as mudanças resultantes da reforma universitária acabam por ser mudanças de longo prazo. Fernandes (2020) afirma que para mudanças imediatas é necessário a atuação nos movimentos sociais que debatem e influenciam a organização da sociedade nacional. Esperar que a reforma universitária se torne no epicentro de uma revolução seria o mesmo que suicídio político.

Partindo das noções apresentadas por Ribeiro (1969) e Fernandes (2020), vemos com profunda importância o levantamento realizado no presente estudo para conhecermos a que passo essa comunicação realizada por parte da população universitária está atingindo o distrito da Brasilândia. Com o levantamento das diferentes influências que guiam as entrevistadas e os entrevistados, buscamos conhecer como o período na universidade influenciou na decisão de desenvolver e/ou participar de projetos de educação popular, bem como o grau de importância em comparação com outros campos resultantes da cultura popular.

#### **2.1.4 A universidade nos dias de hoje**

Como foi destacado nos capítulos anteriores, nosso país não está isolado do mundo e a globalização afeta diretamente a forma como vivemos. Dito isso, para entender a situação

atual da nossa universidade precisamos conhecer as mudanças políticas globais das últimas décadas relevantes nesse processo.

Lima e Contel (2011) destacam como pontos significativos o enfraquecimento do Estado de bem-estar social, a difusão do neoliberalismo aumentaram as pressões pela massificação do ensino superior e por inovações resultantes de investimentos em pesquisa e desenvolvimento, e as crescentes pressões impostas contra as universidades a partir de 1990 para financiarem por conta própria parte considerável de seus recursos destinados ao desenvolvimento de suas funções. Tais mudanças contribuíram para a privatização do ensino superior, o que podemos observar com o aumento da dependência de taxas por parte do corpo discente em instituições voltadas para o ensino e no aumento da dependência de investimento privado que instituições voltadas para a pesquisa, com seu foco voltado para pesquisas lidas como “úteis”, com foco na solução de problemas no curto prazo (LIMA; CONTEL, 2011).

A oferta de educação superior acaba assim, dependendo de diversos provedores, guiados pelos mais variados interesses. Desse montante, uma parte considerável se guia pela existência de um mercado mundial de educação atrativo que pode ser intensivamente explorado. Os países do núcleo orgânico do capitalismo mundial, que desenvolveram suas universidades partindo de processos históricos que valorizavam a educação a partir de políticas públicas e investimentos protecionistas na área da educação, possuem um mercado interno limitado demograficamente (LIMA; CONTEL, 2011).

Atualmente encontramos a seguinte dinâmica: países centrais desenvolvem políticas públicas e privadas para acolher a população acadêmica exterior, ofertar serviços educacionais nos outros países, instalar campi e instituições de ensino no exterior e etc - iniciativas essas que acabam por fortalecer a internacionalização do ensino no seu caráter hegemônico; já os países semiperiféricos e periféricos apresentam uma política de financiamento para formarem parte de sua população acadêmica no exterior, em busca de desenvolver sua elite cultural, mesmo que se corra o risco de perdê-la, por não possuírem estruturas internas básicas para apresentar condições de trabalho atrativas. De tal processo resulta uma crescente “fuga de cérebros” para os países do núcleo orgânico do sistema capitalista (LIMA; CONTEL, 2011).

Lima e Contel (2011) destacam que, dessa forma, o quadro de internacionalização da educação se desenvolve de acordo com a forma como cada nação se comporta, sendo de forma mais ativa ou passiva. Aqui observamos o desequilíbrio histórico entre os países centrais e periféricos. A autora e o autor destacam que o processo de privatização das



atividades de ensino e pesquisa são centrais na manutenção e agravamento de tal desigualdade.

De forma complementar, Fernandes (2020) apresenta tanto a escola superior tradicional quanto a universidade conglomerada como o resultado de uma sociedade que se adaptou a uma situação de dependência cultural. Por nascerem dessa situação, os interesses e valores que guiam o ensino superior, se voltam para a expansão em direção à continuidade da dependência cultural e educacional. De tal forma, a escola superior tradicional e a universidade conglomerada não apresentam forças para se voltar contra as limitações impostas por seu meio. Uma universidade voltada para o desenvolvimento não pode ser forjada partindo dos modelos que guiam nossa universidade atual. Uma universidade voltada para o desenvolvimento deve ser forjada no presente com a previsão de exigências culturais e educacionais do futuro.

Fernandes (2020) nos alertou que a revolução emergente não se ligaria às necessidades educacionais do povo se não tivéssemos coragem de destruir a obra resultante da ditadura, que uniu o conservadorismo com o controle da nossa vida cultural por parte do imperialismo. Leher (2020) nos aponta que, infelizmente, essa foi uma tarefa sem conclusão, mesmo com a Constituição de 1988 e de governos liderados por pessoas que se opuseram à ditadura, como Fernando Henrique, Lula e Dilma Rousseff.

Na prática não tivemos a destruição da obra ditatorial, mas sim a sua deliberada silenciação. No que diz respeito à universidade, não tivemos a superação do modelo de fomento à pesquisa de forma radical, nem a união entre sua função social e o padrão dependente de acumulação capitalista foram devidamente discutidos (LEHER, 2020).

Como resultado derivado das premissas levantadas até então, os centros universitários privados passam a considerar a significativa quantidade de ingressantes do ensino superior como clientes, e não como cidadãos e cidadãs. Já no que diz respeito às instituições de ensino superior públicas, tivemos a diminuição do número total de tais entidades, condições pouco recompensadoras de salários e dificuldades na obtenção de fontes de financiamento para pesquisa. Os dois últimos, ajudando a soterrar a reflexão crítica e produção de conhecimento, o que inviabiliza a possibilidade da democratização da sociedade e o desenvolvimento autônomo do país (LIMA; CONTEL, 2011).

O surgimento de uma comunidade científica no Brasil se deu pela atuação decisiva do Estado, com a construção e implementação de instituições, sejam universitárias ou não, e

com o financiamento de atividades voltadas à pesquisa e desenvolvimento. Com os novos caminhos adotados já levantados aqui, diferentes mecanismos mercadológicos começam a controlar tais atividades fundamentais para o desenvolvimento econômico da nação, passando de um caminho autônomo para um caminho influenciado por elementos externos (LIMA; CONTEL, 2011).

Podemos observar tais mudanças com as crescentes interferências na organização dessa internacionalização por parte do Banco Mundial, da Organização Mundial do Comércio e outras instituições multilaterais. Assim, o ensino superior passa a seguir uma política de internacionalização competitiva, se pautando no aumento do poder derivado da polarização na produção de conhecimento pelos países do centro do sistema, no lugar de seguir uma política de internacionalização cooperativa, focada no intercâmbio bi ou multilateral de ideias, pesquisadoras e pesquisadores, e projetos de pesquisa. De tal forma temos um aumento no poder das instituições multilaterais, diminuindo a soberania dos países da periferia do sistema na definição de suas próprias políticas internas, bem como na democratização do acesso ao ensino superior (LIMA; CONTEL, 2011).

Lima e Contel (2011) apresentam que estamos passando por um processo de mercantilização do ensino. O caráter competitivo da atual internacionalização modificou as formas de controle dos processos nos setores educacionais internacionais. Com o aumento na quantidade de interesses privados nessa área, as diferentes formas de prestação de serviços no ensino superior - como nos demais setores - passaram a se transformar em mercadoria. Elemento esse que já estava presente na obra de Santos (2020) no que diz respeito à educação formal como um todo. De acordo com o autor, nessa área da educação encontramos uma estrutura simplificadora das realidades, que está submissa à lógica dos negócios e suas noções de sucesso, ensinando um humanismo ultrapassado, incapaz de responder às aspirações sociais que são importantes na criação da pessoa livre.

A partir desse quadro observamos como se dá a atual desigualdade no campo da internacionalização do ensino superior. A diferença nas estruturas dos países da centralidade do sistema-mundo e dos países periféricos resultam em um fluxo polarizado. Estudantes, pesquisadoras e pesquisadores, bem como o lucro seguem uma via de mão única que vai da periferia para o centro (LIMA; CONTEL, 2011).

Retomando a já citada obra de Santos (2013), podemos relacionar tais informações com o meio técnico-científico-informacional, que é apresentada como a base técnica da nossa

organização social atual que se dá de forma extremamente hierarquizada, como apresentado por Lima e Contel (2011).

Essa hierarquia se dá, segundo Santos (2013), pois esse espaço é construído pelo sistema social hegemônico que é guiado por instituições supranacionais, Estados e empresas multinacionais que instalam as atividades hegemônicas em países que participam do comércio internacional. Assim o espaço geográfico urbano acaba por se dividir em áreas hegemônicas que se sobrepõem e contrapõem ao restante da cidade. Utilizando os termos empregados pelo autor, poderíamos falar em áreas hegemônicas “luminosas” que se sobrepõem à áreas “opacas”.

A localização de tais áreas “luminosas”, com maior produção de conhecimento e informação são fundamentais para a formação de um projeto de desenvolvimento de um país. Pensando na questão da internacionalização, vemos que os países com maiores densidades técnicas e organizacionais ligadas à produção de conhecimento e informação, são capazes de influenciar mais a divisão internacional do trabalho que os demais países. São nessas áreas luminosas que são definidas como a divisão internacional de tarefas produtivas se dará. Aqui surge o conceito de geopolítica do conhecimento, que busca apresentar como se dão as infraestruturas, fluxos e atores gerados durante a produção e divulgação de conhecimentos (LIMA; CONTEL, 2011).

Lima e Contel (2011), com base no histórico das universidades brasileiras desde 1930 ao lado da estabilização dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, respeitados internacionalmente, destacam a possibilidade de que a internacionalização do ensino superior se aproxime da noção de cooperação, desde que exista uma organização das instituições públicas e privadas com tal objetivo. Apesar dessa possibilidade, a autora e o autor destacam que no Brasil a educação segue sendo tratada com baixa prioridade, sendo desprovido de uma política pública que priorize a internacionalização da educação superior, o que nos deixa como alvos fáceis para os interesses externos. Como resultado temos um conhecimento produzido pelas instituições de educação superior transformados em um instrumento de “alienação” no lugar de auxiliar na criação de consciência por parte da população.

De tal forma, o presente trabalho visa conhecer como a geopolítica do conhecimento se dá no distrito da Brasilândia. Com base na discussão aqui traçada, já se espera que as universidades estejam cada vez mais afastadas da população periférica, por estarem mais próximas dos mandos externos, ignorando as necessidades de tal recorte da população.

Buscamos na discussão levantar quais as potencialidades e limites da educação popular nesse processo de democratização dos conhecimentos produzidos nas áreas luminosas de nosso país, com destaque às universidades, bem como na produção de novos conhecimentos. Processo esse visto por Santos (2013), Ribeiro (1969) e Fernandes (2020) como fundamental para o desenvolvimento autônomo nacional.

### 2.1.5 O distrito da Brasilândia

A Brasilândia está localizada na Zona Norte da cidade de São Paulo, sendo um dos distritos da subprefeitura da Freguesia do Ó. Com uma área de 21,00 km<sup>2</sup> (SÃO PAULO, [201-?]a), sua população em 2017 atingia o número de 278.157<sup>1</sup> pessoas (SÃO PAULO, [201-?]b), resultando em uma densidade demográfica de 13.245 Habitantes/km<sup>2</sup>. No que diz respeito à escolaridade da população do distrito, encontramos a seguinte situação descrita na tabela 1.

Tabela 1 - População por grau de instrução do distrito da Brasilândia em 2017

<b>Grau de instrução</b>	<b>População total</b>	<b>%</b>
Não alfabetizada / Fundamental I incompleto	69.718	25,1
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	49.237	17,7
Fundamental II completo / Médio incompleto	51.530	18,5
Médio completo / Superior incompleto	88.996	32,0
Superior completo	18.676	6,7
<b>TOTAL</b>	<b>278.157</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaborada pelo autore<sup>2</sup> com base nos dados disponibilizados no site da Prefeitura de São Paulo ([201-?]b)

Dentre autoras e autores que desenvolveram trabalhos sobre a região, destacamos aqui Angileli (2014), que analisa o distrito partindo de autores que possibilitaram a compreensão do espaço de forma estrutural, o que auxilia o desenvolvimento de uma

<sup>1</sup> Na tabela disponibilizada pela prefeitura encontramos uma divergência nos dados. Na célula com o número total da população encontramos o número 278.158, ao passo que a soma do número de cada grau de escolaridade resulta em 278.157. De tal forma, para uniformizar o texto, utilizaremos apenas esse último.

<sup>2</sup> Ê autore é uma pessoa transgênero que se identifica como não-binária e utilizará os pronomes elu/delu da neolinguagem não binária para referenciar a si mesmo ao longo do texto.

discussão que apresenta a paisagem como subjetividade e cultura. Como resultado obtém a percepção de moradoras e moradores do seu meio, além de seus valores e suas atitudes nesse ambiente. A autora destaca ainda que a paisagem é resultado da vivência dessas pessoas, que produz e reproduz seu ambiente, mesmo em meio a diversas carências.

Nas primeiras décadas do século XX, o padrão de expansão urbana periférico marca a cidade, evidenciando a segregação do espaço. A atual região que é hoje o distrito da Brasilândia se deparou com processo de expansão urbana da cidade a partir da década de 1940. Até então a área era constituída por sítios. O primeiro sítio loteado era propriedade de Brasília Simões, sendo comprado em 1947 pela empresa “Brasilândia de Terreno e Construções”, que deu início ao Loteamento Brasilândia. Nesse primeiro momento de ocupação do distrito tivemos o incremento populacional por levas de imigrantes, em especial do Japão e Itália (ANGILELI, 2014).

Com o passar das décadas o total populacional aumenta. Nos anos 60 tivemos o início de lutas em busca de diferentes reivindicações, como o saneamento básico, que passam a ser conquistadas em parte, a partir apenas da década de 1970 (ANGILELI, 2014).

A partir da década de 1990 inicia-se a ocupação da pré-Serra e da Serra da Cantareira por parte de loteamentos clandestinos, o que passa a ameaçar a faixa de proteção da unidade de conservação. Tal avanço nos revela o processo de expulsão contínua da população mais pobre, que é levada para áreas ainda mais distantes e mais pobres (ANGILELI, 2014).

No total, a autora divide o período histórico do distrito em três distintos momentos de expansão urbana: de 1940 à 1970, referente a ocupação na região sul, área hoje consolidada; de 1970 à 1990, referente a ocupação da área da pré-Serra da Cantareira, atualmente em processo de se consolidar; e de 1990 a 2006, referente a ocupação próxima ao Parque Estadual da Cantareira. Essa divisão se deu de acordo com as peculiaridades de cada período, como a região ocupada e os processos de urbanização da metrópole que influenciaram diretamente em tal processo. Partindo disso, a autora conclui que não existe uma única Brasilândia, mas sim “Brasilândias”, que se destoam desde regiões consolidadas até regiões mais periféricas, que se aproximam cada vez mais da Serra da Cantareira (ANGILELI, 2014).

Esse histórico, segundo Angileli (2014), nos ajuda a entender como as áreas rurais foram ocupadas de formas irregulares em tempos e espaços diferentes, dando origem a diferentes paisagens. Paisagens essas que possuem como principal característica a

autoconstrução e sua principal potencialidade: a solidariedade, o que fortalece a rede social de cooperação, apresentada pela autora como essencial no cotidiano periférico. Tal cooperação não é exclusiva do momento de construção, mas também está presente no dia-a-dia e nas situações de risco.

Outras necessidades urbanas coletivas, como equipamentos ou lazer são supridas pela população após a ocupação, partindo de adaptações feitas pela própria população. Tais adaptações nem sempre dão conta das demandas sociais, já que a forma espontânea de conceber o espaço pode resultar em poucos espaços livres para a construção de serviços e equipamentos, ao mesmo tempo que resulta no desenvolvimento de espaços ricos em criatividade e sociabilidade (ANGILELI, 2014).

Angileli (2014) destaca a impossibilidade de conhecer sobre uma paisagem urbana sem levar as histórias das pessoas em conta. Apenas ao observarmos as questões culturais no processo de pensar o espaço da periferia que tornamos possível reconhecer, tanto as precariedades quanto as potencialidades do local. Partindo dessa noção, no presente trabalho buscamos conhecer, a partir do diálogo com moradoras, moradores e pessoas que desenvolvem trabalhos voltados com a educação popular no distrito, quais são os processos culturais presentes em suas vivências. De tal forma, buscaremos conhecer as potencialidades e precariedades dessa área.

Destacamos aqui, porém, a fala da autora, que nos mostra a paisagem como partida, produzida de maneira distinta por cada pessoa que a habita. Dessa forma, nem quem mora na região consegue entendê-la em sua totalidade. Assim como em seu trabalho cada pessoa entrevistada fez escolhas de acordo com suas valorizações e com a Brasilândia de seu cotidiano (ANGILELI, 2014), esperamos o mesmo na presente pesquisa. Somamos também as questões elaboradas para a entrevista, escolhidas pelo pesquisador, que também mostram um recorte baseado em sua vivência na região somada às referências aqui levantadas.

Buscamos conhecer um recorte das vivências de cada entrevistada e entrevistado, como o meio técnico-científico-informacional e saberes não hegemônicos as e os influenciaram, quais são as suas práticas, assim como a forma que interpretam sua atuação. Com a análise das relações entre o espaço geográfico e projetos de educação popular estudados, buscamos levantar seus limites e possibilidades. Nas palavras de Santos (2019, p. 80): “O espaço geográfico não revela apenas o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente”.

## 2.2 MATERIAL E MÉTODO

Iniciamos com o levantamento de referenciais teóricos condizentes com a temática abordada, utilizado como base para o desenvolvimento de questões (disponíveis no Apêndice A), que guiaram as entrevistas semi-estruturadas que formam o núcleo da presente pesquisa.

Tais tópicos foram elaborados com o objetivo de coletar as experiências de vida que guiaram a atuação de educadoras e educadores populares que acessaram a educação superior e desenvolveram e/ou participam/participaram de projetos voltados à educação popular na região, suas experiências no desenvolvimento de tais atividades e suas perspectivas para o futuro da educação popular na comunidade. Para escolher as cinco pessoas entrevistadas o pesquisador contou com a ajuda de colegas da sua turma que, indicaram conhecidas e conhecidos que se encaixavam no perfil aqui buscado, bem como entrou em contato com um colega.

Devido ao isolamento social decorrente da atual pandemia de COVID-19 todas as etapas da pesquisa foram realizadas na modalidade remota, entrando em contato com as e os participantes pelo aplicativo de chamada de vídeo Google Meet. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas com o auxílio de um transcritor contratado.

A partir dos dados coletados foi realizada uma análise sobre a influência dos saberes hegemônicos e não hegemônicos na escolha desse grupo de pessoas para atuarem na educação popular, bem como um levantamento das barreiras e potencialidades existentes entre o conhecimento acadêmico e a população do distrito. Metodologia essa que caracteriza o presente estudo como uma pesquisa analítico-descritiva.

## 2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta pesquisa foi realizada com cinco moradoras do distrito ou de proximidades que se formaram no ensino superior e desenvolveram ou participaram de projetos de educação popular na Brasilândia. A entrevista semi-estruturada foi escrita e realizada com o objetivo de conhecer o perfil de cada entrevistada ou entrevistado, bem como os projetos de educação popular que participam ou participaram na região, suas influências e motivações que guiaram

tais trabalhos, percepções sobre mudanças que a educação popular trouxeram ao distrito, barreiras enfrentadas e interpretações sobre o futuro da educação popular na região.

### **2.3.1 Sobre as entrevistadas e os entrevistados**

Fernando Konezuk: Criado no Jaçanã, atualmente mora no Peruche, na Casa Verde. Formado em licenciatura em História pela FIG-UNIMESP de Guarulhos com especialização em História na PUC de São Paulo. Arte-educador na fundação casa e redutor de danos em uma unidade de acolhimento.

Adryenne Santos: Nascida em São Paulo no Jardim Elisa Maria, Brasilândia, onde mora até a data da entrevista. Técnica em Teatro pela ETEC de Artes e graduada em Pedagogia pela Unip. Atualmente trabalha na Organização da Sociedade Civil Associação PIPA, em um projeto de alfabetização para crianças e adolescentes.

Bárbara Dias: Nascida em São Paulo, residente desde o nascimento na Brasilândia, atualmente mora na Vila Terezinha. Formada como técnica em Mecatrônica pela ETEC Basilides de Godoy e cursava graduação em Engenharia Mecânica pela Uninove até o momento da entrevista. Atua como auxiliar técnica na área de consultoria de Engenharia de Avaliações.

Mayara Amaral: Moradora da Brasilândia, possui graduação em Sociologia e cursa mestrado em Ciências Sociais na UFABC. Atualmente está focada na liderança política, além da educação.

Daniel de Almeida: Nascido na Freguesia do Ó, residente da Casa Verde. Técnico em serviços públicos pela ETEC Cepam e graduado em Ciências Sociais pela UNIFESP. Atua como Diretor Social na Associação PIPA, mas também atua na captação de recursos, gestão do voluntariado e do projeto Redes Comunitárias de Wi-fi.

### **2.3.2 Sobre os projetos de educação popular desenvolvidos**

Fernando destaca a sua participação na criação no Cursinho Livre da Norte no ano de 2017, um cursinho pré-vestibular libertário que já realizou suas atividades em diferentes regiões da Zona Norte, das quais teve a Brasilândia como uma de suas bases. Como outros projetos de educação popular, destacou a participação na elaboração de programas na Rádio



Comunitária Cantareira desde 2018, sua passagem como integrante no Fórum Intersectorial de Drogas e Direitos Humanos da Zona Norte por dois anos, organizando reuniões na Brasilândia. Também participou durante as ocupações das escolas estaduais ministrando aulas, das organizações da Marcha da Maconha, que tinham como objetivo conscientizar a população sobre a descriminalização da maconha, bem como desenvolveu atividades com organizações públicas, como o CAPS IJ da Brasilândia, serviços de medidas socioeducativas em meio aberto e no centro esportivo Oswaldo Brandão fazendo atividades culturais, como *sound system*, *dub* e cinema. Atualmente segue atuante no Cursinho Livre da Norte e na Rádio Comunitária Cantareira.

Adryenne trabalha na Organização da Sociedade Civil Associação PIPA com alfabetização de 24 crianças e adolescentes entre os 7 e 13 anos que apresentam dificuldades na escola. Além disso, também atua como voluntária, na mesma OSC, no Preparando o Futuro, um cursinho preparatório para adolescentes com o objetivo de passar pelo processo do vestibulinho da ETEC. Nessa sua função envolve o acompanhamento de cada aluna e aluno, as e os incentivando, realizando visitas às ETECs, ajudando na inscrição e escolha de curso de acordo com seus interesses.

Bárbara também atua no cursinho Preparando o Futuro, sendo responsável pelo desenvolvimento de projetos com alunas e alunos. Durante a pandemia, o cursinho se reformulou e criou a área de projetos, com o objetivo de agregar o Projeto Baseado em Aprendizado, selecionando alguns temas com o objetivo de guiar o desenvolvimento de tais projetos. Os temas são selecionados por alunas e alunos, e são acompanhados e avaliados a cada 15 dias, apresentando, com a conclusão do projeto, uma produção, como uma revista digital, um folheto ou um podcast.

Mayara atuou dando aulas de sociologia nos já citados cursinho Preparando o Futuro e no Cursinho Livre da Norte. Também atuou e atua em outros coletivos, como o Sarau da Brasa, Quilombo Sambaqui e o Samba do Bowl. No Quilombo Sambaqui, além de participar das atividades ali desenvolvidas, também estuda o coletivo na sua dissertação e auxilia na escrita de projetos. No Sarau da Brasa e no Samba do Bowl, atua com a apresentação de seus resultados de pesquisa.

Daniel, por fim, fundou o cursinho Preparando o Futuro com sua irmã e irmão em 2008. Em 2013 atuou como educador no Programa Jovens Urbanos, fomentado pelo CENPEC e pelo Itaú Social. Também atuou na Rádio Cantareira como voluntário em 2

programas e na Associação Cantareira no projeto de comunicação popular chamado “Comunicação Cultural”. Atuou também como Assistente Técnico no SEDESP Santa Terezinha, na Vila Terezinha, um processo de preparação, profissionalização e inserção no mercado de trabalho para pessoas jovens e adultas, além de auxiliarem no desenvolvimento de cidadania, socialização e pensamento crítico. Também participou como bolsista da prefeitura no projeto “Comunicar Cultura” desenvolvendo oficinas de comunicação. Atualmente atua como Diretor Social na Associação PIPA, que tem sua estrutura física localizada no Jardim Peri, mas sua atuação se dá não só no distrito Cachoeirinha, mas também no distrito da Brasilândia, focando no Jardim Elisa Maria, Vista Alegre, Princesa e Damaceno.

Partindo da definição de Gohn (2010), entendemos que os projetos listados podem ser entendidos como projetos de educação popular, por serem processos culturais, sociopolíticos e pedagógicos voltados à formação para a cidadania - o que os caracteriza como projetos de educação não-formal -, possuindo um recorte de faixa social popular. Destacamos aqui a amplitude de tais processos, que passam de projetos mais próximos do que entendemos por educação formal, ao manter o formato de aulas desenvolvidas em sala, até práticas que escapam mais de tal formato, como os programas desenvolvidos na Rádio Comunitária Cantareira e as participações em projetos culturais da região. Mesmo com a variedade, entendemos que todas comprem tal definição aqui empregada.

### **2.3.3 Sobre suas motivações**

Com relação às motivações, Fernando destacou que desde que começou a se interessar por política passou a se definir como anarquista, o que o fez se aproximar da pedagogia libertária e educação popular e buscar formas de atuar efetivamente. Sua motivação se baseou na construção de um projeto de pedagogia libertária na Zona Norte da cidade de São Paulo, já que a maioria dos projetos e eventos ocorrem na região central. Buscou então se unir com educadoras e educadores organizando um espaço com aulas gratuitas para fortalecer a população da região, formando discussões para pautar mudanças na Zona Norte, dando origem assim, ao Cursinho Livre da Norte.

Sobre sua atuação na Rádio Comunitária Cantareira, também destaca a influência do anarquismo. Ele atua com podcast desde 2008, entrando em 2013 no Desobediência Sonora, projeto de mídia independente que se aproximou da Rádio em 2018. Tal aproximação tinha

como motivação o acesso à rádio comunitária, fortalecendo a sua programação e pautando assuntos que normalmente não se observavam em rádios comunitárias, como anarquismo e outros movimentos sociais.

Adryenne nos conta que participou, no ano de 2013, como educanda do mesmo cursinho que atualmente atua como educadora, o que possibilitou sua entrada na ETEC. Seu retorno como voluntária ao projeto se deu com o objetivo de fazer com que mais adolescentes tenham a mesma oportunidade. A sua participação no cursinho a fez conhecer a existências das ETECs, bem como a existência de diversos espaços e bens culturais que ela não tinha acesso, o que a fez perceber a desigualdade existente entre as populações da periferia e do centro da cidade, destacando que adolescentes da região não conhecem “depois da ponte”.

De tal forma, sua motivação está em fazer com que mais jovens se apropriem do espaço onde vivem, conhecendo o bairro, sua história e tendo acesso a diferentes ferramentas. Também destaca que o fato de ter entrado na ETEC motivou sua mãe a voltar a estudar e fazer o curso técnico, assim como sua irmã que também acessou a mesma instituição. Ver outras pessoas se motivando a estudar e terem acesso a educação também a impulsiona a se manter no projeto.

Assim como a Adryenne, Bárbara também participou do projeto como aluna, mas um ano antes, em 2012. Seu objetivo era entrar na ETEC ou na federal durante o ensino médio, saindo do ensino público regular. Sua prima conhecia o organizador do cursinho, foi inscrita por sua mãe e sua participação a fez passar nas provas da ETEC. Ao se formar no Ensino Médio, sentiu a necessidade de ajudar outras pessoas, retribuindo o auxílio que recebeu. Aqui temos a sua maior motivação, a vontade de ajudar adolescentes a entrarem na ETEC, no Instituto Federal ou a terem bolsas em escolas particulares, para que obtenham uma educação melhor e trilhem o que desejarem. Ela destaca que ao analisar o cotidiano da periferia, vê que muitas pessoas não possuem oportunidades, por ser uma região desfavorecida. Também afirma a existência de uma falta de interesse em entrar nas universidades e a disseminação do pensamento de que as universidades não são para elas. Assim sua motivação está em ajudar tais pessoas a desconstruir essas ideias e auxiliar que elas tenham acesso à educação e trilhem seus próprios.

Mayara, por sua vez, aponta como motivação a tentativa de partilhar o conhecimento que teve acesso para transformar a vida das pessoas da região, mostrando as oportunidades

que existem apesar das dificuldades e desigualdades presentes na vida de tal população, sejam elas de ordem financeira ou educacional.

Ela também destaca como motivação o fato de que muitas pessoas moradoras de fora da região que tentam se relacionar com a população participando de projetos de educação popular acabam por falar de uma forma que destoa da vivência da população. Por ser da região, ela afirma conhecer o dia-a-dia da periferia, o que a coloca mais próxima da população, facilitando seu trabalho.

Aponta também as mudanças que se deram ao longo da sua atuação. Inicialmente, tinha como objetivo fazer com que crianças entrassem na ETEC e na Universidade. Atualmente ela já quer que as pessoas saibam ler e escrever. Ela destaca que atualmente vê a importância em atuar com a população adulta que é deixada de lado, já que normalmente os projetos de educação popular focam em jovens. Também vê como importante o trabalho com essa população para obter resultados concretos, como a redução de violência doméstica.

Daniel conta que o planejamento para a criação do cursinho Preparando O Futuro se deu em 2008, quando ele, sua irmã e irmão estavam na igreja na Vila Teresinha se indagando sobre o que fez os três entrarem em universidades públicas, coisa que não aconteceu com outras pessoas de seu ciclo social. Se lembraram do ano de 1998, quando o seu irmão, que trabalhava como empacotador, recebeu na escola um folheto sobre uma escola técnica, o que o fez conhecer a possibilidade de estudar em uma escola de qualidade. Seus pais não podiam pagar, por ser um cursinho particular, e chegaram à conclusão que seu irmão poderia pedir demissão do emprego, podendo pagar o cursinho. Assim, ele fez 3 meses de cursinho e passou nas quatro escolas técnicas que prestou - O Derville, a Federal, a ETESP e o Liceu de artes e ofícios, optando por fazer um curso de técnico em eletrônica nesse último. Dois anos após, Daniel entrou em uma escola técnica, seguido por sua irmã, um ano depois.

Esse ambiente fez com que passassem a vivenciar uma maior diversidade, pelo convívio com pessoas de classes econômicas diferentes da sua realidade de classe média baixa da adolescência e pobreza da infância. Moraram por muitos anos entre a Freguesia e a Brasilândia, convivendo com a população da Brasilândia na igreja que frequentavam. Esse choque de realidade fez com que ele, seu irmão e irmã acreditassem que poderiam fazer alguma coisa. Seu irmão deu a ideia de formar um cursinho popular para informar jovens da região sobre a existência de escolas técnicas e outras oportunidades, e assim foi feito.

De tal forma, o que o motivou foi sua vontade de oferecer a mesma oportunidade ou oportunidades até melhores do que a que ele teve para outras pessoas, buscando que elas também encontrem o seu caminho. De acordo com Daniel, não podemos falar de igualdade ou de justiça, ou de redução das desigualdades se não partirmos do mesmo lugar. Ele destaca que acredita no caminho de mudança mais lento, que se dá pela transformação por meio da oferta de oportunidades, apontando a educação como uma das possibilidades. Assim, seu objetivo está na oferta de oportunidades por meio da educação para ajudar na redução das desigualdades.

Em todas as falas encontramos a percepção da desigualdade como um ponto relevante na motivação das entrevistadas e dos entrevistados. Aqui conseguimos observar na prática o que foi destacado por Milton Santos (2013) no que diz respeito à importância na diferença entre os tempos dos grupos que controlam o pensamento hegemônico e os tempos das populações hegemônicas. O autor apresenta esses últimos como lentos em comparação com os anteriores, sendo tal fato descrito como uma vantagem, já que as pessoas com mobilidade não conseguem ver muito do mundo e da cidade, se guiando quase exclusivamente por imagens fabricadas por outras pessoas. Enquanto isso, pessoas com um tempo lento não se prendem a tais imagens, possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e a percepção das distorções presentes no pensamento hegemônico. Nas entrevistas conseguimos observar como suas vivências nas proximidades do distrito e no centro da cidade foram importantes para possibilitar a percepção da desigualdade entre ambas regiões da cidade.

#### **2.3.4 Sobre suas influências**

Com relação às influências resultantes do ensino superior, Fernando aponta que durante seu período na universidade estudou apenas sobre Paulo Freire, destacando como algo importante para sua formação com relação à educação popular. No restante de sua formação com relação à educação libertária, o entrevistado aponta que se deu fora da universidade, de forma inicialmente autodidata, mas de forma coletiva em seguida, participando de diversas formações sobre a temática na Biblioteca Terra Livre e ao fazer parte da gestão da Casa Mafalda, onde também aprendeu bastante com a prática.

No que diz respeito à vivência no distrito ou proximidades o entrevistado elenca diferentes atuações e experiências. Sobre a participação no Centro Esportivo, afirma ter aprendido a dialogar com a população e a trabalhar de forma coletiva. Nos serviços de medida aprendeu a trabalhar com grupos e criar metodologias de discussão com jovens. Também trabalhou no Instituto Sou da Paz, no projeto “Construindo Pontes”, ao lado de uma psicóloga, indo às escolas desenvolvendo grupos de alunas e alunos para a gestão da biblioteca da escola e construção do Grêmio Livre. Com as discussões que tinham como objetivo pautar a legalização da maconha no distrito, aprendeu a dialogar com a polícia, a como ocupar as ruas da melhor forma. Já em relação ao Cursinho aponta sua importância por ser um espaço importante para seu aprendizado, dando destaque às aulas construídas de forma coletiva e às aulas abertas, desenvolvidas por pessoas convidadas para abordar diferentes temas. Todas essas experiências são vistas por ele como importantes em sua formação, por influenciar na sua busca por diálogo e conseguir acessar as pessoas, buscando autogestão e horizontalidade.

Já no que diz respeito à mídia e produtos culturais de grande circulação, nega a influência no seu trabalho atual, mas aponta a importância de mídias de outras épocas, como jornais anarquistas antigos, e mídias independentes atuais, como podcasts.

Adryenne, por sua vez, destacou como influência do ensino superior os conteúdos estudados, em especial os que abordavam questões sociais. Tais conteúdos foram apontados por ela como relevantes por a fazer entender que aquilo que é apresentado como o ideal ainda está longe de acontecer na periferia.

Com relação à sua vivência nas proximidades, destacou o período que cursou o Ensino Médio na ETEC Albert Einstein, na Casa Verde, como grande impacto, pois antes disso sempre estudou no bairro. Entrando lá encontrou apenas cinco pessoas da sua sala que estudaram anteriormente em escolas públicas, o que foi descrito por ela como um choque de realidade e se tornou uma motivação para retornar ao projeto e tentar mudar tal realidade. Também afirma que os 20 anos que viveu no distrito foram importantes para conhecer o espaço, percebendo uma grande potência na região e na população jovem, que não tem uma direção ou incentivo. Assim, conhecer o distrito e conhecer outros espaços, como a ETEC, resultou na comparação entre as desigualdades, o que serviu como sua maior motivação.

Sobre a mídia e produtos de grande circulação, a entrevistada aponta pouca influência em sua atuação. Não teve acesso à internet durante o ensino médio, pela sua região

não possuir acesso a um sinal de qualidade durante o período, e ao ligar a televisão encontrava histórias diferentes da sua realidade, o que não influenciaram suas decisões a respeito da educação popular.

O período de formação no ensino superior foi visto por Bárbara como importante por fazê-la entrar em contato com diferentes professoras e professores, possibilitando o aprendizado de diferentes formas de apresentar os conteúdos em sala de aula e decidir quais são as melhores e adotá-las no seu dia-a-dia como professora. Fora isso, afirma não ter nenhuma mudança na sua motivação de trabalhar com educação popular.

Já no que diz respeito a sua vivência no distrito e proximidades, a entrevistada aponta que entrar em contato diariamente com pessoas que não aparentam pensar muito sobre seus futuros por conta de sua situação, a fez perceber a importância de se motivar tais pessoas e as ajudarem a entenderem que são capazes de aprofundar suas formações e que não são só as pessoas ricas que podem ter acesso à educação.

Sobre a influência da mídia, ela acredita que teve uma mínima influência, em especial resultante das informações que acessou por lá, como o baixo salário docente, o baixo rendimento das escolas e locais em que temos uma maior qualidade da educação pública, como o Ceará.

Já Mayara aponta diferentes experiências de sua formação no ensino superior como relevantes. As viagens de ônibus até o centro são vistas como importantes por a fazer conhecer as desigualdades entre centro e periferia, por mostrar o que é negado à população periférica, em especial o acesso à cidade. Outro ponto destacado foi a percepção de que o que era tido como normal por ela, não era tido como normal pelas pessoas habitantes do centro. Da mesma forma, destaca uma visão distorcida de que colegas de universidade possuíam da periferia. Também aponta casos de racismo mais frequentes no centro e na universidade. Destaca que acadêmicos de grande nome da sociologia ignoram questões raciais e focam no número de pessoas mortas na periferia como objeto de estudo no lugar de estudar projetos desenvolvidos em tais locais. Tal experiência foi negativa para sua autoestima.

Outro destaque está nas poucas pessoas nas universidades que estão dispostas e interessadas em dialogar com a favela, com a maioria focando em observar o que entendem por importante, o que não necessariamente é visto como importante para as pessoas que moram na periferia. De tal forma, a principal questão que ficou durante a sua vivência na

universidade foi o choque entre a realidade periférica e central, o que, para ela, vai demorar para mudar.

Já no que diz respeito ao conteúdo trabalhado na universidade, a entrevistada aponta uma grande distância com a realidade brasileira, já que abordam diversos autores europeus, sem estudar autoras e autores brasileiros e negros.

Assim como vimos nas entrevistas anteriores, Mayara salienta como ponto importante da sua vivência no distrito os momentos que entrou em contato com o centro e notou as diferenças existentes entre ambas regiões. Dentre as experiências que auxiliaram na construção de tal percepção, destaca a participação em dois projetos de educação popular, o Curumim e o Alta Voltagem, realizados no SESC Pompéia durante o contraturno escolar. Apenas uma de suas amigas do distrito fez parte, a entrevistada destaca que isso fez com que ambas apresentassem o interesse por cultura e conhecimento, o que não aconteceu nas demais pessoas de seu círculo de amizades que não participaram de tais projetos. Além disso, aponta que tais pessoas possuem uma vida muito mecânica, se preocupando apenas com coisas individuais, como trabalho e filhos, não se preocupando com a forma com que seus vizinhos estão vivendo. Ela aponta que ela mesma não pode pagar cestas básicas para vizinhos, pois ficaria sem o seu gás, mas destaca que sua preocupação com o social, cultural e político são preocupações que não existem nos demais. Assim, ela vê que esses projetos que participou na adolescência, infância e na vida adulta foram de extrema importância para sair do que é apresentado na televisão, por exemplo.

Sobre as influências da mídia em seu trabalho atual, a entrevistada destaca apenas a TV Cultura, dando importância aos programas infantis que abordavam a temática científica. Destes, ela destaca o Castelo Rá Tim Bum, apontando que foi responsável por fazer com que ela tivesse o sonho de conhecer uma biblioteca.

Por fim, Daniel afirma que ingressou na universidade em 2007, um ano antes de participar da criação do cursinho. Ele afirma considerar o ingresso da população periférica na universidade como importante, e estar dentro de tal espaço o influenciou diretamente na sua força de vontade em criar e participar do projeto. Apesar do cursinho não visar diretamente a entrada na faculdade, ele afirma que o curso técnico foi um passo importante para sua entrada na universidade.

Além disso, a faculdade também subsidiou alguns conceitos novos da Sociologia, Ciência Política e Antropologia. Durante o desenvolvimento de suas aulas, ele destaca um



movimento feito por ele, convertendo a linguagem que estava aprendendo. Inicialmente tal conversão se deu para um campo popular, saindo um pouco da teoria pura, seguida da conversão específica para as pessoas do território em que atuava. Também destacou o fato de se deparar com muitas leituras na sua formação em Ciências Sociais, o que facilitou a sua expansão da compreensão de mundo.

Outro ponto levantado foi a sua participação em 2013 e 2014 do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), como bolsista, em uma escola na periferia de Guarulhos. Por ter uma realidade próxima à da Brasilândia, o entrevistado afirma observar grande diálogo entre ambas as regiões. A participação do PIBID, a leitura sobre temas diversos, o foco na área da educação e o contato com seu orientador, tido por ele como um excelente professor, foram vistas pelo entrevistado como de grande importância, por possibilitar a mistura do conhecimento universitário com o conhecimento popular.

Sobre a importância de sua vivência na região, o entrevistado aponta não a pura vivência como sua maior influência, mas sim a descoberta de outras realidades, o que o fez questionar as desigualdades ali existentes. Afirma ter morado no Jardim Carumbé e Jardim Guarani de 2009 a 2019, o que o deixou ainda mais próximo do público que atendeu nos projetos citados anteriormente. Tal vivência somada a percepção sobre a desigualdade o fez querer trabalhar na região em busca de transformações. Segundo ele, viver ali o fez perceber que por meio do povo, do movimento popular, da educação popular, podemos transformar a realidade.

Já no que diz respeito à influência da mídia de grande circulação, afirma que atualmente o influencia o deixando com raiva pois a opinião e ideologia emitidas por ela é o contrário da realidade. Como exemplo ele cita os programas sensacionalistas, que amedrontam tanto quem mora na Brasilândia, quanto quem mora longe, além de paralisar, desmobilizar e diminuir autoestima da população, gerando um sentimento de não pertencimento. Apesar disso, afirma acompanhar tais programas, para conhecer o que é apresentado por lá, possibilitando que ele participe de debates. Ele destaca que, com exceção da TV Cultura, os canais de TV e outras mídias de grande circulação não são voltados para educação, servindo para distrair e paralisar a população pelo medo.

Ele acrescenta que foi uma criança que assistia TV Cultura, e isso o ajudou a desenvolver curiosidade e criatividade, citando programas sobre animais como exemplos. Também afirma que contribuiu para construir um olhar mais diverso, já que nasceu e cresceu

dentro das igrejas evangélicas, apresentada por ele como uma religião um tanto mais fechada e que por vezes apresenta preconceitos com outras religiões. Assim, esse canal foi importante por apresentar outras culturas e outras religiões com responsabilidade, sem imposição. Tais conteúdos foram importantes por fazer, aos poucos, com que ele se perguntasse sobre outros mundos e outras histórias para fora do mundo da igreja.

A partir de tais entrevistas podemos concluir que os conteúdos abordados na universidade e apresentados pelas mídias hegemônicas tiveram uma menor influência sobre as decisões tomadas por cada entrevistada e entrevistado em comparação com a vivência no distrito e o choque de realidade em comparar as condições entre a região e áreas periféricas, como já discutimos no tópico anterior.

Com base nas experiências compartilhadas, podemos indicar que os conteúdos aprendidos nas universidades serviram mais como um suporte para a necessidade já existente em transformar a realidade da comunidade do que como motivadores iniciais. Todos os casos apontados elencam como esse desejo surgiu de experiências anteriores, partindo da percepção da desigualdade, seja partindo do ambiente de militância, da vivência em escolas técnicas fora do distrito ou da participação em projetos de educação popular presentes na região ou fora dela. No presente estudo temos o caso de Adryenne e Bárbara, motivadas pela sua participação no cursinho Preparando o Futuro, criado por Daniel, sua irmã e seu irmão, que tinham como motivação suas percepções sobre a desigualdade entre a região e as demais no que diz respeito ao acesso à educação. Assim podemos concluir a existência de um baixo diálogo entre as universidades e a região da Brasilândia.

Ribeiro (1969) aponta o diálogo entre a população acadêmica e a população periférica como fundamentais para o desenvolvimento de uma nova sociedade seguindo o caminho da aceleração evolutiva. O autor salienta que o papel fundamental de tal processo se mantém com a população pobre, que são capazes de fazer mudanças por serem a maioria na sociedade. Assim, aponta a importância da junção entre as aspirações da população fora das universidades com as contestações estudantis, movimento esse que deve surgir das universidades, que se tornariam motores que nos guiarão para a nova sociedade.

Fernandes (2020), por sua vez, destaca que as mudanças sociais não devem partir das universidades, mas fora delas, surgindo da população marginalizada. Para ele, a universidade atual está ligada diretamente a privilégios, o que faria necessário sua destruição e reconstrução em busca de uma universidade acessível para toda a população.

Partindo do que foi levantado no presente trabalho, percebemos que a realidade das entrevistadas e dos entrevistados reflete um universo próximo do que é descrito por Fernandes (2020), com o surgimento do pensamento crítico partindo da própria população periférica, que tem acesso ao ensino superior com base na sua vivência na periferia e participando de projetos de educação popular.

Não excluimos a importância das universidades no desenvolvimento do pensamento crítico e do auxílio na construção de uma sociedade, o que é defendido por Ribeiro (1969) e Fernandes (2020), mesmo que de formas distintas. Destacamos aqui a fala desse último, que, apesar de apontar a atuação de movimentos sociais como fundamentais para mudanças imediatas na sociedade nacional, afirma que a reforma universitária pode nos apresentar os caminhos intelectuais e políticos que nos permitam atingir a liberdade intelectual e política. Apontamos apenas que, apesar de serem relevantes nesse processo, as universidades e instituições superiores não estão atingindo a região da Brasilândia nesse quesito, deixando tal papel para a própria população e suas organizações.

Já os conteúdos elencados pelas mídias hegemônicas são apresentados nas entrevistas em sua maioria de forma irrelevante ou negativa para a atuação. Destacamos apenas as falas que apontam a TV Cultura como importante no processo por apresentar conteúdos pouco discutidos nas demais redes de televisão.

Podemos analisar tais falas nos guiando novamente pela obra de Milton Santos (2019), que aponta a velocidade dos motores hegemônicos como insuficientes em possibilitar a distribuição de forma generalizada, aumentando as desigualdades. A cultura popular em que essa população está inserida está separada de tal forma da cultura de massas que encontramos a dificuldade na obediência de leis e normas impostas pelo pensamento hegemônico. Nesses espaços encontramos a criação de novas racionalidades contrárias à racionalidade hegemônica, que são apresentadas pelo autor como possíveis de guiarem as técnicas existentes, possibilitando a criação de uma outra globalização.

No que diz respeito à influência da cultura de massas, também encontramos em Santos (2019) análises que partem de encontro com os resultados aqui obtidos. Segundo o autor, a cultura de massas surge com o objetivo de impor a racionalidade hegemônica sobre a cultura popular, coisa que podemos observar nos relatos de Adryenne, apontando a desconexão entre o conteúdo apresentado na TV com a sua realidade, e de Daniel, destacando

como as informações e ideologias ali veiculadas são destoantes da realidade, servindo para amedrontar e diminuir a autoestima da população do distrito.

### **2.3.5 Sobre a educação popular e seus frutos, no distrito e nacionalmente**

Fernando destaca que a educação popular é entendida de diferentes formas no distrito, aponta a existência de diferentes cursinhos que usam essa nomenclatura a entendendo de diferentes formas. Para ele, esses outros cursinhos reproduzem a mesma estrutura da escola, não oferecendo uma outra relação de professora/professor-aluna/aluno. Já dentro do Cursinho Livre da Norte, ele vê a educação popular e a pedagogia libertária com a possibilidade de oferecer uma relação de respeito e horizontal com o conhecimento, diferente do que se tem nas escolas.

Com relação ao seu trabalho e as mudanças resultantes dele, diz não pensar na sua atuação individual, mas sim na sua atuação de forma coletiva. Destaca que com o Cursinho ajudaram pessoas a acessarem o ensino superior e cursos técnicos, se fortalecendo enquanto criam uma nova narrativa de educação na Cachoeirinha/Brasilândia. Segundo ele, também mostraram que é possível ter um outro projeto de educação fora das escolas, nos espaços comunitários de forma libertária. Assim, vê a criação de outras narrativas e outro projeto com uma nova referência de educação. Destaca também a união de professoras e professores pela autogestão. Afirma, por fim, estarem pautando uma outra história da educação na Brasilândia, já que não tinha conhecimento de outros projetos nesse formato na Zona Norte.

Sobre as mudanças resultantes do trabalho na rádio destaca a dificuldade em ver a quantidade de ouvintes e a inexistência de troca com seu público, sabendo apenas de pessoas esparsas. Com segurança então, destaca que oferecem uma programação que não se tinha antigamente. Também destaca o trabalho feito em parceria com escolas e com o CAPS, em que levavam alunas e alunos para conhecer a estrutura e a história da rádio.

No que diz respeito à pergunta sobre as mudanças nacionais resultantes da educação popular, destaca que se trata de uma pergunta difícil e que não saberia responder com exatidão. Destaca que não entende que a educação popular tem um conceito único e que é implantada de formas diferentes de acordo com local e contexto. Para ele, em uma situação em que esse processo seja disseminado no território nacional, seguindo uma proporção que não consegue entender como possível no curto ou médio prazo, seriam possíveis mudanças

em todos os aspectos. Partindo de conceitos freireanos, o entrevistado destaca que poderíamos ter mudanças em relação às pessoas, com mais respeito e maior interesse pelos saberes, terra e natureza. Assim, reforça que vê como possível, mas não no curto ou médio prazo. Para ele, a educação popular tem uma maior relação direta com pequenas porções do território em que está inserida, construindo ali, novas narrativas e histórias.

Adryenne afirma que a educação popular na região alcança muitos lugares ignorados pela educação por focar nos problemas existentes da região, como o trabalho infantil e a qualidade da educação. Ela destaca que diferentes projetos possuem recortes específicos e que são construídos pelas próprias pessoas da região, o que faz com que saibam de problemas que a educação formal não tem conhecimento, por não estar inserida no bairro como as ongs e associações de bairro.

Sobre as mudanças resultantes de seu trabalho, destaca que morar na região a fez possuir vivência, diferente de outras pessoas que fazem trabalho voluntário no distrito. As outras pessoas, por não terem, acabam por desconhecer as necessidades que as e os habitantes apresentam. Ela vê sua vivência como relevante por acreditar ser importante que a população adolescente ouça alguém que mora no mesmo local. Assim, ela vê seu trabalho tendo impacto por ser alguém do bairro nesse processo.

Destaca também o retorno de adolescentes com o objetivo de atuar no projeto. Recorda exemplos de pessoas que mesmo não passando na ETEC, retornam para conhecer mais, aprofundar e aplicar seus novos conhecimentos construídos na região. Também destaca o auxílio na emancipação das crianças, dando autonomia dentro da escola, ajudando na sua autoestima. Afirma que muitas das crianças da região trabalham em faróis, o que faz com que o momento em que elas estejam no projeto seja seguro. Ligado com isso, ela apresenta seu principal objetivo como a possibilidade de auxiliar as crianças e adolescentes a construírem algo e acreditarem em si mesmas, possuindo autonomia para acessar as oportunidades que eles não sabem da existência.

Sobre as mudanças a nível nacional, ela acredita ser possível, mas salienta ser um trabalho de formiguinha. Para ela, a maior mudança seria com relação à cultura e educação, com uma educação pública de qualidade e uma cultura que seja acessível para as pessoas da periferia.

Bárbara, por sua vez, acredita que a educação popular pode mudar tudo no distrito, e que se se tivesse um pouco mais de educação as coisas seriam melhores, reforçando que esse

é um pensamento utópico. Como pontos positivos dessa maior educação entrariam a melhor escolha de políticos, a maior tomada de decisões para se viver em sociedade, ter consciência de classe e lutar pelos seus direitos.

Sobre sua atuação, diz que tem influenciado muito um pequeno grupo de alunas e alunos, por ter contato direto com eles no momento de os “guiar”. Destaca também que acredita ser possível plantar a ideia de que é possível ingressar no ensino superior, mesmo nas pessoas que não conseguem entrar na ETEC.

Já sobre as mudanças a nível nacional, acredita ser possível se todas e todos tivessem acesso a uma educação suficiente. Destaca a criatividade que o senso comum emprega à população brasileira, e que se ela fosse voltada para os estudos, seríamos uma nação de pesquisas, tecnologias, que valorizaria professoras e professores, resultando na consciência de classe, além de fazer com que a população conheça seus direitos.

Com relação à educação popular no distrito, Mayara destaca que essa foge das amarras do que seria a família. Apesar de ver as escolas como grandes bases comunitárias, já que é nela que identificamos doenças e violências sofridas por crianças e mães, ela aponta que ainda é constituída por um modelo muito tradicional de olhar para a família, o que a faz olhar para os problemas das crianças e resumir que elas são assim por conta das famílias desestruturadas. Já na educação popular teríamos um entendimento de tais questões, sendo voltada para quem é a base da periferia: as mulheres, em especial as mais velhas. Destaca, assim, que essa população acaba por ser deixada de lado pela educação popular, apesar de ser em um grau menor do que acontece nas escolas. Ao mesmo tempo, aponta a educação popular como uma alternativa possível para resolver alguns dos principais problemas encontrados na periferia, como a intolerância religiosa, racismo, e a mistificação de diversas lutas por direitos civis, taxadas como terroristas. Sobre sua atuação, acredita que dá esperança para as pessoas e ajuda a mostrar para elas a sua própria humanidade.

Ela acredita que mudanças nacionais derivadas da educação popular ocorram, apesar de ver tal modalidade de educação sendo muito atacada, apresentando os ataques a Paulo Freire e a pedagogia freireana como exemplos. Também aponta como a educação é, por sua própria base, política.

Por fim, Daniel afirma que a educação popular é feita por pessoas que não esperam por terceiras, não esperam que o governo ou empresas tomem a dianteira. Assim, ele entende a educação popular de forma independente, do “nós por nós”, sem deixar de excluir as

responsabilidades do governo e de empresas. A partir de tais projetos, segundo o entrevistado, as pessoas começam a acreditar que podem mudar o território de forma coletiva, o que possibilita um empoderamento importante, que faz as pessoas acreditarem que também são responsáveis pelo que acontece no território.

Já sobre sua atuação, a descreve como singela, não tendo grandes impactos. Mas apesar disso acredita que, de certa forma, estão formando pessoas, fomentando o pensamento crítico e a discussão sobre a sociedade, buscando uma outra narrativa fora daquela criada pela classe dominante. Ele aponta a possibilidade de sobrevivência dentro dessa estrutura que possibilita caminhar, crescer pelo estudo e a profissionalização. Destaca também a contradição em tentar formar pessoas críticas ao mesmo tempo que as inserem na lógica de tal sistema.

Nos 13 anos de atuação, ele vê seu maior resultado nas pessoas que passaram pelo cursinho e dizem que não teriam conhecimento sobre as escolas técnicas e o mundo dos estudos fora do Preparando O Futuro, destacando a história de Adryenne e Bárbara como exemplos. Também salienta outras pessoas que criam os seus próprios projetos e desenvolvem as suas próprias ideias, trabalhando para transformar a região da Brasilândia. Por fim, afirma acreditar que, de certa forma, o projeto influencia para que cada vez mais pessoas estejam conscientes de que podem trabalhar em coletivo para fomentar a transformação, mesmo que de forma lenta.

No que diz respeito às mudanças a nível nacional resultantes da educação popular, o entrevistado acredita na sua possibilidade, mas destaca a dependência de articulações com diferentes grupos, na formação de um movimento de educação popular autônomo. Como exemplo de mudança possível por tal caminho ele destaca a alfabetização, apontando a possibilidade da erradicação do analfabetismo no Brasil por tal via.

Outro ponto destacado é a utilização da educação popular para aumentar o acesso da população periférica. Como exemplo aponta que o acesso de pretos e pardos nas universidades se deu, boa parte, por conta da educação popular, com os cursinhos populares. Movimento esse visto por ele como um espaço de resistência, responsáveis pelo aumento do acesso à educação e de outros direitos básicos para a população negra e periférica a partir de sua organização e pressão exercida sobre o governo.

Sobre a percepção das e dos participantes no que diz respeito à educação popular no distrito, conseguimos notar em todas as falas pontos positivos descrevendo ações que

entendem como possíveis para o futuro ou já realizáveis no presente. Destacamos aqui a mudança na forma como as pessoas participantes tratam o conhecimento, a realização de atividades em áreas deixadas de lado pela educação formal, a construção de pensamento crítico, recuperação da autoestima da população e a autonomia das pessoas que organizam tais projetos, que agem independente do governo ou empresas. Todas essas falas apontam a possibilidade da mudança do território tendo tais características como pontos fundamentais para tal.

No que diz respeito às mudanças realizadas na comunidade partindo de seus trabalhos, notamos apontamentos tanto mais concretos, pautados em realizações observáveis no dia-a-dia da população participante de tais projetos, como apontamentos mais abstratos. No primeiro caso podemos destacar o acesso a cursos técnicos e superiores, a construção de organizações autogeridas, o retorno de ex-alunas e ex-alunos para auxiliarem na construção do coletivo e ajudarem outras pessoas, a disponibilidade de informações, seja de conteúdo, seja sobre oportunidades, e o fornecimento de um local seguro para as crianças. No segundo caso destacamos aqui a construção de uma nova história da educação no distrito, o desenvolvimento de autonomia, autoestima e o aumento da consciência sobre a possibilidade de trabalharem em coletivo para transformar a realidade.

A percepção das entrevistadas e entrevistados sobre seu trabalho vai de acordo com a definição de Gohn (2010) para “Educador Social”, por utilizarem a comunicação para produzir novos saberes tomando as culturas locais como base no processo de construir novos espaços voltados para a cidadania que são alternativas às mídias hegemônicas. A autora afirma que tais educadoras e educadores possuem a capacidade de reconstruir, ao lado da população local, a organização social existente, fato que também conseguimos observar nas falas destacadas anteriormente.

Outro ponto levantado por Gohn (2010) que pode ser observado nas entrevistas está na sua fala de que a emancipação social é possível apenas se partir da construção de consensos que possibilite a construção de uma concepção sobre o mundo que substitua a que guia o pensamento hegemônico, partindo de novas relações sociais que não reproduzam as relações de poder entre as pessoas. Nas falas aqui destacadas encontramos a preocupação de se criar um ambiente construído por e para moradoras e moradores do distrito e proximidades. Destacamos aqui Adryenne e Bárbara que retornam ao projeto frequentado por elas em novas posições, apresentando os conhecimentos construídos durante e após suas participações no



projeto para reiniciar o ciclo, construindo novos conhecimentos na prática ao mesmo tempo que auxiliam as e os participantes do projeto a construírem novos conhecimentos. Aqui observamos uma fluidez na estrutura dos projetos, que acolhem ex-alunas e ex-alunos na sua construção. Também podemos destacar as falas de Fernando, apontando a estrutura do Cursinho Livre da Norte como uma estrutura construída prezando a horizontalidade entre participantes. Vemos, com base nisso, a possibilidade da emancipação social do distrito se tivermos um avanço nos projetos aqui descritos, somados à construção de novos projetos que atendam públicos que são muitas vezes deixados de lado, como no caso das mulheres mais velhas, que nos foi apresentado por Mayara.

Por fim, sobre as mudanças a nível nacional, vemos a crença em sua possibilidade seguida pela apresentação pela citação de diferentes entraves. Temos o destaque da impossibilidade de tal mudança ocorrer no curto ou médio prazo, de só ocorrer se toda a população tiver acesso à educação, de que é uma modalidade atacada por parte da população e a afirmação sobre a necessidade da criação de articulações com distintos grupos para construir um movimento de educação popular em bases autônomas.

Podemos encontrar paralelos de tais falas na obra de Santos (2020), em especial no destaque dado ao papel das populações locais para o atendimento das demandas regionais, que não podem ser atendidas de forma única, seja pelo Estado federal, seja pelos Estados federativos. Para o autor, tais populações devem possuir o direito à palavra. Ele também destaca a educação como ponto central para apresentar uma crítica ao consumismo e auxiliar no aprendizado da cidadania.

Vemos relação entre as falas das entrevistadas e entrevistados e a fala de Santos (2020) por entender que tal processo de educação e construção sobre o entendimento da cidadania atuará diretamente na possibilidade de que tais pessoas possam se organizar e cobrarem o atendimento de suas demandas locais. Tal processo é visto por nós como lento e trabalhoso, como bem destacado nas falas destacadas, e que pode resultar ou ser impulsionado partindo de articulações na construção de um movimento autônomo de educação popular, como foi apresentado por Daniel.

### **2.3.6 Sobre as barreiras encontradas**

Sobre as barreiras enfrentadas no seu trabalho com o Cursinho Livre, Fernando destaca as encontradas em alguns espaços, que dificultam e/ou tentam influir de alguma forma, ou se apropriar do que está sendo feito. Com relação à organização interna, destaca a dificuldade em acolher novas pessoas para somarem com o projeto, elencando alguns casos em que as pessoas desenvolveram o oposto do que foi proposto pelo coletivo, chegando até a ofender alunas e alunos. Sobre o período que se organizaram exclusivamente pela mídia digital, apontou a dificuldade de chegar em novas pessoas.

Com relação a transposição de tais problemas, apontou que apenas algumas foram transpostas, como a busca de novos espaços que não interferiram diretamente no funcionamento das aulas.

Adryenne, por sua vez, elencou dificuldades relacionadas com a questão social e do acesso à informação, já que considera o conteúdo que teve acesso como muito inferior ao ideal. Assim, para participar e construir os projetos ela teve que estudar por conta própria. Com relação a isso também aponta a falta de instrumentos de lazer e culturais nas proximidades.

Com relação a desconstrução das barreiras, se vê dentro de tal jornada, tendo desconstruído algumas e outras não. Ela acredita que quando começamos a perceber melhor as desigualdades, começamos a buscar ferramentas que diminuam esse vácuo. De tal forma, essas barreiras são quebradas conforme você acessa tais ferramentas. Um dos processos que auxiliou nesse acesso é a participação em projetos de educação popular, por entrar em contato com outras pessoas da região, o que possibilita um crescimento pessoal partindo das experiências coletivas. Como barreiras que permanecem ela destaca cultura e internet, que ainda são barreiras diárias na Brasilândia.

Bárbara citou o tempo como a primeira das barreiras, com relação a ter que estudar, trabalhar, fazer cursos além das aulas do cursinho. Outra é a conexão com alunas e alunos em um primeiro momento, por se fecharem e se distanciarem das professoras e professores, se colocando em um local no qual só devem ouvir, por verem essa figura como a detentora do conhecimento. De tal forma ficam contraídos e pouco participativos, o que dificulta outras formas de ensino que prezam pelo aprendizado mútuo, entre discente e docente. Assim, sua dificuldade estava em fazer com que alunas e alunos verbalizassem suas dificuldades.

Com relação à superação da barreira do tempo, a entrevistada afirma que está avançando na medida do possível. Já com relação à conexão, afirmar atingir algumas das

pessoas, mas não todas. A barreira do tempo foi superada com base na organização. A barreira da conexão foi derrubada com base na aproximação com alunas e alunos, seja durante as aulas com diferentes metodologias, seja no final das aulas conversando de forma leve e descontraída.

Mayara destaca inicialmente as barreiras financeiras. Aponta que não recebem por suas aulas enquanto poderiam estar em outro espaço trabalhando e recebendo. Como uma solução aponta a criação de um auxílio financeiro por parte do governo, mesmo afirmando considerar essa uma atitude difícil de ser tomada por políticos. O tempo é lido como uma segunda barreira, sendo consumido pelo emprego e cursos, aumentando o cansaço. Ela afirma que as barreiras continuam e pioraram durante a pandemia, pois acabam arcando com a energia elétrica e internet para dar as aulas.

Daniel aponta o fomento como a maior das barreiras, apesar de destacar a existência de outras, como a disponibilidade de espaço. Destaca a existência de uma confusão de que a educação popular precisa ser gratuita, apontando a necessidade de se fomentar os espaços e pagar as pessoas envolvidas.

Acredita que tem transposto tais dificuldades com a institucionalização do projeto, que passou a integrar uma organização fundada por eles - a já citada Associação PIPA. Destaca que isso fez com que não perdessem sua essência e sua história, ao mesmo tempo que tem trabalhado para captar recursos de diversas formas, como por campanha de financiamento coletivo e a captação de recursos de empresas, que vê como baixa por entender que as empresas não possuem preocupação social, em especial as de pequeno e médio porte.

Outra fonte de recursos apontada por ele não ocorreu até o momento da entrevista, mas deveria acontecer em um futuro próximo, sendo essa o financiamento governamental. Afirma que estão com uma emenda parlamentar aprovada, mas não liberada, que vai atuar no projeto “Educa Viva”, de reforço escolar para as crianças de 7 à 14 anos que não sabem ler ou escrever ou que possuem dificuldades na escola. O projeto foi criado em 2019 e em 2020 foi adaptado à pandemia e vai ter o fomento de 1 ano vindo da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, via emenda parlamentar da Deputada Marina Helou. Tal fomento vai reformar o espaço, pagar professoras e professores, psicóloga e psicopedagoga. Destaca a dificuldade de se manterem após o final do fomento, mas afirma que seguirão trabalhando e buscando novos recursos financeiros.

Em todas as falas encontramos a descrição de uma dificuldade ao acesso de recursos, sejam financeiros, para que participantes se mantenham ou para garantir o acesso a um espaço para o funcionamento das atividades, intelectuais, como conceitos que podem auxiliar o desenvolvimento dos trabalhos, ou materiais, como o acesso a internet.

Tais dificuldades já eram previstas, tendo em vista a análise de Santos (2020) sobre a distribuição do meio técnico-científico-informacional sobre o território. De acordo com o autor, vivemos em uma sociedade que se baseia em informação mas essa se encontra distribuída de forma desigual. Os grupos hegemônicos possuem privilégios sobre tal informação, deixando o restante da sociedade distante de tais recursos, as tratando como consumidoras que, se tiverem interesses, devem pagar. O autor destaca que temos a necessidade de construir uma pedagogia que consiga difundir informações que possibilite construir a criticidade da população para entenderem como a atual organização da sociedade retira seus direitos. De acordo com as falas apresentadas no presente trabalho, conseguimos observar que esse é um dos principais objetivos das pessoas entrevistadas. Indicando assim, que estamos caminhando para tal processo, mesmo que a pequenos passos.

É interessante apontar que apesar da dificuldade de acesso a recursos, encontramos nas falas diferentes exemplos da utilização das ferramentas criadas pela cultura hegemônica - como a rádio e a internet - para a criação de uma nova cultura contra-hegemônica, como também foi descrito por Santos (2019). De acordo com o autor, a cultura popular tem a capacidade de se difundir utilizando os instrumentos criados e aplicados pela cultura de massas em uma espécie de “troco”, passando por certas dificuldades, como a falta de recursos por parte da população periférica, como já foi bem apresentado pelas entrevistadas e entrevistados.

### **2.3.7 Sobre o futuro da educação popular no distrito**

Fernando gostaria que os projetos existentes conseguissem retomar, já que muitos tiveram seu fim durante a pandemia. Destaca que tal retorno, mesmo que aos poucos, já seria um bom cenário, apesar de não acreditar que isso vai acontecer no curto prazo.

Adryenne acredita que vamos crescer com o auxílio da tecnologia e que temos uma grande potência seguindo tal caminho com crianças e adolescentes. Ela relembra sobre o difícil acesso hoje em dia, mas vê a possibilidade do crescimento no futuro.

Bárbara destaca que a pandemia resultou em muitas desistências no projeto, já que algumas alunas e alunos não retornaram às escolas até o momento da entrevista, mas acredita que com o tempo isso vai se normalizar. Também prevê um aumento na busca de realizar cursos técnicos, estudar, se formarem pesquisadoras e pesquisadores e etc.

Mayara levanta o atual desmonte dentro da educação como um todo. Acredita que isso não resultará na regressão, mas na estagnação. Aponta o baixo número de pessoas inscritas no ENEM como exemplo, destacando que a maioria das pessoas que deixaram de se inscrever são negras, o que vai deixar a universidade ainda mais branca. Também descreve que muitas pessoas vão deixar de prestar vestibular por terem a necessidade de trabalhar. De tal forma, ela vê que a educação popular vai ter que lidar com tais percalços, afirmando que precisamos lutar e continuar, perseverar, para conseguir resistir a tais ataques.

Daniel elencou os planos de seus atuais projetos. Sobre o projeto de reforço escolar para crianças, pensa em ter, a partir desse processo de 1 ano de fomento, uma metodologia para entregar à sociedade civil e as outras organizações do território e das demais periferias com a finalidade de apresentar o que foi feito e quais foram os resultados. Ele afirma que crianças que entraram no projeto em maio e junho e já estavam lendo e escrevendo em novembro. Destaca também que isso não significa que a escola é incompetente, mas elenca o alto número de alunas e alunos por sala como uma dificuldade que faz com que as crianças que sejam deixadas para trás. Também aponta que uma das soluções poderia ser a inclusão de professoras de reforço nas escolas, mas aponta que enquanto essa resposta permaneça dependente do governo de ocasião, acredita que as organizações sociais podem atuar como uma ponte importante para ajustar tais desigualdades. Assim, querem entregar esse projeto principalmente para as organizações do entorno que já são suas parceiras, como o SEFRAS, como o Centro Comunitário Nossa Senhora Aparecida, a Associação Sociocultural Madre Teresa de Jesus e a Associação Futuro Melhor.

Outro dos projetos que estão em desenvolvimento é uma plataforma, na qual estão inserindo conteúdos de ensino com nos últimos anos no Ensino Fundamental II, além de conteúdos de pensamento crítico e sociopolítico. Na região estão construindo uma rede comunitária de wi-fi, o que vai possibilitar que as pessoas do território possam acessar o conteúdo educacional por meio de tablets, celulares e notebooks sem precisar ter acesso à internet particular e sem precisar gastar dados móveis. As pessoas se cadastrariam, se

tornariam alunas e alunos dos cursos e poderiam aprofundar determinados conhecimentos. Essas são suas perspectivas para o território para os próximos dois ou três anos.

Podemos destacar aqui uma preocupação na maioria das falas com o que diz respeito ao resultado da pandemia na educação popular do distrito, seguida por uma esperança na possibilidade de retorno à qualidade anterior, indo de encontro à uma estagnação ou crescente melhora no longo prazo. Sobre isso, podemos utilizar outro ponto destacado por Santos (2019), no que diz respeito em como a solidariedade e a convivência são valorizadas pela cultura popular, possibilitando a sua criação e o fortalecimento da política entre a população. Mesmo em tempo de pandemia, as pessoas aqui entrevistadas não abandonaram seus projetos de educação popular, mesmo que em alguns casos tivemos uma redução na sua frequência ou número de pessoas participantes, o que nos aponta como a solidariedade é um dos pilares centrais de tal vertente de educação.

Santos (2019) aponta que a cultura popular apresenta a força necessária para influenciar e modificar o impacto que a cultura de massas causa na região, além de alimentar a política da população local de forma independente de partidos e organizações. Nas falas aqui estudadas encontramos exemplos de como a educação popular influencia e faz parte da cultura popular, motivando diretamente no processo de tomada de consciência política de quem a frequenta. Tal fato nos apresenta a possibilidade de um futuro em que, retomando os projetos que foram afetados pela pandemia ao lado da criação de novos projetos que foquem novos públicos que são normalmente deixados de lado nesse processo, podemos encontrar uma expansão na modificação da interpretação política por parte de moradoras e moradores da região, em busca de uma interpretação que possibilite o entendimento de seus direitos. Se tal processo se der a nível nacional, será possível a construção de uma nova sociedade autônoma, que influencie diretamente na construção de uma nova globalização mais justa.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou compreender como as entrevistadas e entrevistados se relacionaram com os saberes hegemônicos e não hegemônicos em suas formações e vivências. Bem como permitiu analisar em qual medida cada tipo de saber influenciou na criação ou participação de projetos de educação popular no distrito da Brasilândia.

Para tal, definimos quatro objetivos específicos. Como primeiro, destacamos a análise de potencialidades e limites existentes entre a produção de conhecimentos das universidades e a produção de conhecimentos populares no distrito analisado. Como resultado, concluímos uma baixa relação entre tais saberes, sendo feitas exclusivamente pela própria população durante o desenvolvimento de tais projetos. Apenas em duas das entrevistas temos a citação de projetos ou estudos realizados dentro da universidade visando a população periférica, com uma sendo o desenvolvimento de aulas pelo PIBID, no caso de Daniel, e o destaque de Mayara para o foco que professores davam para a investigação do número de mortes na região, no lugar de buscar a investigação dos projetos aqui desenvolvidos.

O segundo objetivo apontava a busca sobre como o ensino superior motivava e influenciava no desenvolvimento dos projetos elaborados pelas pessoas entrevistadas. Observamos também uma baixa relação entre os conteúdos abordados nos cursos de graduação, seja em sala de aula, seja em trabalhos extra-classe.

Tivemos a apresentação de alguns conceitos das áreas da educação e sociologia como importantes no processo, mas este sendo entendido por nós apenas como um complemento à uma motivação já existente. Destacamos aqui como ponto inicial a construção da percepção de desigualdade entre a região periférica e central, que em todos os casos estudados se iniciou anteriormente ao ingresso no ensino superior.

Também apontamos a importância de projetos já existentes dentro ou fora da região, que atuaram nesse processo de percepção de desigualdade. Vemos assim, os conhecimentos populares que formam e são formados pela própria população em tais projetos como uma base que atua na construção de consciência crítica dentro do distrito e proximidades.

Como terceiro objetivo tínhamos a análise dos limites da atuação de pessoas com formação superior em projetos de educação popular no distrito. Um ponto central destacado

estava na dificuldade ao acesso de recursos financeiros, intelectuais e materiais. Aqui temos dificuldade no acesso a espaços para o desenvolvimento das atividades, conteúdos acadêmicos e internet.

Outro ponto relevante destacado estava na forma como a pandemia afetou todos os projetos, que se reestruturaram buscando novos formatos, como a rádio e a internet. Uma preocupação notável nas entrevistas residia em como tal recuperação se dará.

Por fim, o quarto e último objetivo estava na identificação da possibilidade de atuação para suprir as demandas encontradas. Como demandas, destacamos a já citada dificuldade no acesso a recursos na região, e diferentes grupos que acabam sendo deixados de lado pelos projetos de educação popular existentes no distrito, que acabam por focar na população mais jovem.

Nas falas encontramos diferentes possibilidades de atuação, como o fortalecimento do pensamento crítico da população para aumentar a força na cobrança de entidades responsáveis, como o Estado e as empresas, bem como na criação de novos projetos que abarquem tais populações. Em ambos os casos vemos como fundamentais a expansão e criação de novos projetos de educação popular no distrito, bem como a organização entre os projetos já existentes em busca da reivindicação de recursos do Estado para tal parcela da educação, atualmente ignorada e desestimulada.

Assim conseguimos observar que os saberes não hegemônicos possuem uma influência fundamental na escolha das pessoas aqui entrevistadas para trabalharem com educação popular no distrito e proximidades. Destacamos aqueles construídos com base na percepção da desigualdade existente na sociedade.

A elaboração da entrevista semiestruturada baseada em pesquisa prévia sobre o assunto permitiu ao pesquisador entrar em contato com novos conceitos sobre a temática abordada, possibilitando a construção do questionário e condução das entrevistas. A partir disso, foi possível o conhecimento sobre parte das percepções, bem como a vivência de cada entrevistada e entrevistado, o que permitiu um entendimento da forma como tais pessoas se relacionam com saberes acadêmicos, da cultura de massas e da cultura popular.

Partindo da importância que as populações periféricas possuem no processo da construção de um novo país autônomo que poderá auxiliar na construção de uma nova globalização mais humanizada e horizontal, este estudo contribui para o processo de entendimento do atual estado que tais grupos se encontram.



Aqui apresentamos como pontos importantes em tal processo a expansão dos projetos de educação popular na periferia, seja pelo incentivo estatal de governos vindouros, seja pelo aumento exponencial de tais projetos partindo das pessoas que os frequentaram em suas formações. Também destacamos a importância de uma reformulação das universidades brasileiras em busca de um aumento do número de projetos de extensão voltados para tal recorte populacional em vias de solucionar a baixa relação existente entre essa instituição e a população periférica.

Por fim, destacamos a importância de novos estudos de maior abrangência, seja no próprio distrito - por entendermos que o presente estudo é apenas um recorte da educação popular na região, deixando de lado demais projetos que não chegaram ao conhecimento do pesquisador -, seja nas demais periferias do país - por entendermos que cada região possui suas próprias características, impedindo uma generalização para o quadro nacional partindo das informações aqui dispostas.

## REFERÊNCIAS

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. **Paisagens reveladas: no cotidiano da periferia**. 1 ed. São Paulo: Giostri Editora, 2014.

CHAVES, Vera Lúcia Jacob. O ensino superior privado-mercantil em tempos de economia financeirizada. In: CASSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 67-72.

FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Betioli. **Interacionalização da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2011.

LEHER, Roberto. Universidade brasileira: reforma ou revolução? In: FERNANDES, Florestan. **Universidade brasileira: reforma ou revolução?**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2020. p. 11-31.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. 29 ed. São Paulo: Record, 2019.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SÃO PAULO. Prefeitura. **Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras**. São Paulo: Prefeitura, [201-?]a. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758). Acesso em: 27 jul. 2022.

SÃO PAULO. Prefeitura. **População total por grau de instrução**. São Paulo: Prefeitura, [201-?]b. Disponível em: [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/grau\\_de\\_instruo\\_pesquisa\\_od\\_2017\\_utf8\\_1565117352.htm](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/chamadas/grau_de_instruo_pesquisa_od_2017_utf8_1565117352.htm). Acesso em: 27 jul. 2022.

## APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Você vê problema em se identificar? Se não, qual seu nome completo?
2. Onde você nasceu?
3. Qual bairro você reside atualmente?
4. Qual sua formação (Curso e Instituição)?
5. Qual sua atividade profissional atual?
6. Em quais projetos de educação popular você já participou no distrito da Brasilândia?
7. Em quais projetos de educação popular você participa atualmente?
8. Você pode detalhar um pouco sua atuação em tais projetos?
9. O que te motivou a participar de tais projetos?
10. De que forma você acredita que sua atuação influenciou a comunidade?
11. Quais os seus objetivos ao participar de projetos de educação popular?
12. O que a educação popular muda no distrito?
13. Você acredita que a educação popular pode resultar em mudanças à nível nacional? Quais?
14. Como o período em que você frequentou a universidade influenciou essa motivação e atuação?
15. Como a sua vivência no distrito influenciou essa motivação e atuação?
16. Recursos como a mídia e outros produtos culturais de grande circulação influenciaram essa motivação e atuação? De que forma?
17. Quais barreiras você encontrou ao participar destes projetos?
18. Você conseguiu transpor tais barreiras? Como?
19. Quais suas perspectivas futuras para a educação popular na sua comunidade?
20. Você gostaria de acrescentar algo sobre o que conversamos que não foi falado?